

REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Artes e Letras

Summario :

O PRESENTE NUMERO
M. Botelho

A RAINHA
Eça de Queiroz

S. M. A RAINHA D. AMELIA
Fernandes Cesar

AS RAINHAS D'OUTRORA
Reader

AU TEMPS POUDRÉ
Musica de Francisco de Lacerda

MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

CHRONICA D'INVERNO
Arnaldo Fonseca

A ILLUSTRE CAZA DE RAMIRES
Eça de Queiroz

Este numero contem em HORS TEXTE

Uma aguarella de

S. M. A RAINHA

SUPPLEMENTO ARTISTICO DE GRANDE VALOR

E O SUPPLEMENTO DE MODAS



S. M. A RAINHA D. AMELIA

MAPLE e CIA

Tottenham Court Road
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - LONDRES



MAPLE e CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

LISTA dos principaes Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America
mobiadas pela casa MAPLE e Cia

- Élysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris
- Tarf Club, Lisbonne
- The Grand Hotel, Trafalgar Square
- Hotel Métropole, Monte-Carlo
- Hotel Métropole, Cannes
- Cavalry Club, Piccadilly
- New Traveller's Club, Piccadilly
- Imperial Hotel, Bournemouth
- Knowle Hotel, Sidmouth
- Prince of Wales Hotel, Holyhead
- St. Stephen's Club, Westminster
- Junior Constitutional Club, Piccadilly
- Great Northern Hotel, King's Cross
- Euston and Victoria Hotels, Euston Square
- Tarf Club, Piccadilly
- Brighton New Club, Brighton
- Stirling County Club, Stirling
- Racquet Club, Liverpool
- Cliftonville Hotel, Margate (part refurnishing)
- Royal Forest Hotel, Chingford
- Buckingham Palace Hotel, S. W. (new wing)
- Volkarass, Pretoria
- Royal Hotel, South Shields
- Royal Holloway College, Virginia Water
- Hotel Cap Martin, Mentone
- Riviera Palace Hotel, Cimiez
- Bosphorus Summer Palace Hotel and Club, Therapia
- British Club, Paris

- The Kimberley Club, Kimberley
- Hotel Burlington, Sunny Boscombe
- First Avenue Hotel, Holborn
- Constitutional Club, Northumberland Avenue
- Government House, Simla
- Burlington Hotel, Old Burlington Street
- Hotel Victoria, Northumberland Avenue
- Royal Station Hotel, Hull (for North Eastern Railway)
- Great Eastern Hotel, Parkstone
- Grand Hotel, Brighton (new bedroom wings)
- Liverpool Club, Liverpool
- Victoria Club, Jersey
- West Cumberland Club, Whitehaven
- Milvern House Hydroopathic Establishment, Buxton
- Charing Cross Hotel, new wing (50 bedrooms)
- Jockey Club, Newmarket
- Devonshire Park Pavilion, Eastbourne
- Crews Hotel, Crews, for L. & N. W. Ry. Co.
- Devonshire Park Theatre, Eastbourne
- Limmer's Hotel, Hanover Square
- The Pump House Hotel, Lamington Wells
- Sackville Hotel, Rehill-on-Sea
- Plough Hotel, Northampton
- Grand Hotel, Peterborough
- Grand Atlantic Hotel, Weston-Super-Mare
- Grand Hotel, Jersey
- Grand Hotel, Lowestoft
- Esplanade Hotel, Seaford

- The Coburg Hotel, Grosvenor Square
- Hotel Métropole, London
- Hotel Métropole, Brighton
- Great Eastern Hotel, Liverpool Street
- Savoy Hotel, Victoria Embankment
- Le Cercle d'Orient, Pera
- Le Cercle, Smyrna
- Le Cercle Khedival, Alexandria
- Le Cercle Bilbao, Spain
- Le Cercle de Residentes Estrangéres, Rosario
- The Hellenic Club, Smyrna
- Hotel St. George, Mustapha Superior
- Station Hotel, York (for North Eastern Railway Company)
- Queen's Hotel, Birmingham
- County Hotel, Newcastle
- Grand Hotel, Northampton
- Burlington Hotel, Eastbourne
- Park Hotel, Preston
- Hotel Carol 1st, Kustendia, Roumania
- Senate House, Buenos Ayres
- Central Station Hotel, Glasgow
- Royal London Yacht Club, Cowes
- Royal Spithead Hotel, Isle of Wight
- L. & N. W. Railway Hotel, North Wall Dublin
- Avenida Palace Hotel, Lisbon
- Estabourne Hydroopathic Establishment, Eastbourne
- Buxton Hydroopathic Establishment, Buxton

Vêr o annuncio na quarta pagina capa, lado exterior

MACDOUGAL & COMPANY
SCOTCH TAILORS
1, rue Auber,
PARIS.
(Au coin de la rue Scribe)

55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

LEUSSEU FILS & C^o

Fabricantes de Armas de Precisão

ESTABELECIDOS EM 1874

Fabrica em Namur
Belgica

55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça ; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explo-rações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O nosso proximo numero, que apparecerá muito brevemente será sem duvida um dos mais interessantes.

Alem de um magnifico retrato do illustre escriptor brasileiro JOAQUIM NABUCO e de um acompanhado de um artigo biographico por Eduardo Prado —

A NOSSA COLLABORAÇÃO

À lista dos nossos distinctos colaboradores podemos hoje juntar o nome de :

SILVA BASTOS

conhecido jornalista, tão apreciado em Portugal quanto no Brazil. Brevemente publicaremos um bello artigo deste applaudido escriptor.

— *Revista Portuguesa.* — N° 3. Traz a data de 20 de Dezembro de 1897. No seu summario figuram artigos de grande interesse, entre os quaes citaremos: « A colonisação nacional do districto de Lourenço Marquez », por A. J. de Araujo; « O couraçado Vasco da Gama »; « O cruzador D. Carlos I »; etc.

— *No Lar.* — Collecção de contos por Alvaro Guerra. Brevemente daremos circumstanciada noticia sobre esse livro, que vamos lêr com o cuidado que merece o nome do seu auctor.

— *Theoria da historia da civilisação militar.* — Por Christovam Ayres. — É mais um trabalho do nosso brilhante

Aos seus assignantes e leitores pede a *Revista Moderna* que lhe seja relevada a grande demora na distribuição do presente numero, o que foi devido a doença, felizmente sem gravidade, do seu principal collaborador, o illustre escriptor Sr. EÇA DE QUEIROZ.

BRAZILEIROS E PORTUGUEZES EM PARIZ

Pelo paquete de 28, regressa para o Brazil o nosso distincto e caro amigo D' Paulo Prado que acaba de passar uma curta estada de dous mezes entre Pariz e Londres, onde S. S. resolveu diversos negocios concernentes a uma importante casa commercial de São-Paulo.

Desolados por esta tão breve partida só nos resta desejar ao excellento amigo uma muito feliz viagem.

Manoel e João Marques Pereira.

— *Antonio Maria.* — N°s 453 e 454. Interessante, como de costume, commentando com muito espirito os ultimos acontecimentos politicos:

— N°s 455, 456, 457 e 458. Engraçada, como sempre, a conhecida folha humoristica de Bordallo Pinheiro; com o n° 458 termina o seu XII volume esta apreciada publicação.

— *Folhas d'Arte.* — Por Monteiro Ramalho. Agradecemos ao auctor o exemplar que amavelmente nos enviou. Leremos com a devida attenção o ultimo trabalho litterario do distincto escriptor.

representada com successo em Lisboa. Original de D. João da Camara, o conceituado litterato portuguez. É editada pela casa Aillaud (96, Boulevard Montparnasse).

— *Inverno em flôr.* — Romance de Coelho Netto (edição de Lommert e Cia, do Rio de Janeiro). É o ultimo trabalho litterario do distincto escriptor, o primoroso *conteur* do *sertão*, auctor de tantos outros livros reveladores de seu scintillante talento critico e observador. Vamos lêr, com a attenção que merece, o *Inverno em flôr* de Coelho Netto.

2 fls. + 2 fls.

REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O nosso proximo numero, que apparecerá muito brevemente será sem duvida um dos mais interessantes.

Alem de um magnifico retrato do illustre escriptor brasileiro JOAQUIM NABUCO e de um acompanhado de um artigo biographico por Eduardo Prado — este numero trará :

Um artigo pittoresco e profusamente illustrado acerca das principaes FAZENDAS no Brazil. — Versos de Henrique Lopes de Mendonça. — Um estudo historico de Maria Amalia Vaz de Carvalho. — Biographias de Alphonse Daudet e Edmond Rostand, etc., etc.

BRAZILEIROS E PORTUGUEZES EM PARIZ

Pelo paquete de 28, regressa para o Brazil o nosso distincto e caro amigo D^o Paulo Prado que acaba de passar uma curta estada de dous mezes entre Pariz e Londres, onde S. S. resolveu diversos negocios concernentes a uma importante casa commercial de São Paulo.

Desolados por esta tão breve partida só nos resta desejar ao excellente amigo uma muito feliz viagem.

A NOSSA COLLABORAÇÃO

À lista dos nossos distinctos collaboradores podemos hoje juntar o nome de :

SILVA BASTOS

conhecido jornalista, tão apreciado em Portugal quanto no Brazil. Brevemente publicaremos um bello artigo deste applaudido escriptor.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

— *A Revista Portuguesa*. — N^o 3, de 20 de dezembro de 1897. Entre outro assumptos dignos de interesse, publica a *Revista*: O problema colonial por Constancio Roque da Costa; O futuro da Africa Austral, por J. T.; A prioridade dos Exploradores portuguezes, bem documentado e curioso artigo, por Paul Barré. A commissão de redacção da *Revista Portuguesa* é a seguinte: Ernesto Vasconcellos, Jeronymo da Camara Manoel e João Marques Pereira.

— *Antonio Maria*. — N^{os} 453 e 454. Interessante, como de costume, commentando com muito espirito os ultimos acontecimentos politicos:

— N^{os} 455, 456, 457 e 458. Engraçada, como sempre, a conhecida folha humoristica de Bordallo Pinheiro; com o n^o 458 termina o seu XII volume esta apreciada publicação.

— *Folhas d'Arte*. — Por Monteiro Ramalho. Agradecemos ao auctor o exemplar que amavelmente nos enviou. Leremos com a devida attenção o ultimo trabalho litterario do distincto escriptor.

— *Revista Portuguesa*. — N^o 3. Traz a data de 20 de Dezembro de 1897. No seu summario figuram artigos de grande interesse, entre os quaes citaremos: « A colonisação nacional do districto de Lourenço Marquez », por A. J. de Araujo; « O couraçado Vasco da Gama »; « O cruzador D. Carlos I »; etc.

— *No Lar*. — Collecção de contos por Alvaro Guerra. Brevemente daremos circumstanciada noticia sobre esse livro, que vamos lêr com o cuidado que merece o nome do seu auctor.

— *Theoria da historia da civilisação militar*. — Por Christovam Ayres. — É mais um trabalho do nosso brilhante collaborador. Com mais vagar diremos o valor d'este livro, que, dada a saliente individualidade que o assigna, merecerá a leitura de todos aquelles que se dedicam ao assumpto.

— *Revue Illustrée*. — Temos o N^o de 15 de dezembro do anno findo; Bellas gravuras, graciosos contos, espirituosa critica.

— N^o 2, datado de 1^o de Janeiro. Encerra interessante artigo sobre Octave Mirbeau, e um bello estudo sobre Alphonse Daudet, assignado por Adolphe Brisson.

Triste Viuvinha. — Peça em 3 actos, representada com successo em Lisboa. Original de D. João da Camara, o conceituado litterato portuguez. É editada pela casa Aillaud (96, Boulevard Montparnasse).

— *Inverno em flôr*. — Romance de Coelho Netto (edição de Lommert e C^{ia}, do Rio de Janeiro). É o ultimo trabalho litterario do distincto escriptor, o primoroso *conteur do sertão*, auctor de tantos outros livros reveladores de seu scintillante talento critico e observador. Vamos lêr, com a attenção que merece, o *Inverno em flôr* de Coelho Netto.

— *Sport Universel*. — Recebemos o nº 76. Além de um artigo interessante sobre os cães pastores, traz uma apreciação sobre os concursos hippicos de 1897.

— D'este curioso jornal temos os nºs 77 e 78. O primeiro publica um documentado artigo sobre os *sports Athleticos*; o segundo contem uma noticia sobre a *Esgrima na Belgica*.

— *A União Civica*. — Nº 1. Anno 1.

— *Revue du Brésil*. — O nº 29 não vale menos do que os precedentes.

Encerra artigos em italiano e em francez sobre os factos do Brazil.

— Nº 30 (15 de Janeiro 1898). É um jornal digno de attenta leitura. Noticioso e bem informado, representa boas gravuras, nitidas e curiosas.

— *A moda elegante*. — O nº 1 do 2º anno, que tem a data de 1º de Janeiro, vem, como os quatro que os precederam muito elegante e bem informadô.

— Nº 2 (2º anno). Tem a data de 8 de janeiro. Só podemos aconselhar ás nossas leitoras que consultem este magnifico

jornal de modas. Traz um supplemento gratuito.

— *Le Brésil*. — O numero de 16 de janeiro vem, como os anteriores, repleto de noticias de interesse.

— *O caçador caçado*. — Romance de Sr. Carlos Sertorio. Leremos com va a fim de nos podermos pronunciar a peito.

— *L'Artistic Brazil*. — Recebemos nº 2. É deenhado pelo Sr. L. de Guimarães, que tem talento como deenhista e que escreve com espiri

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA	PORTUGAL
	e outros paizes da União Postal.	
Um anno. 50\$000	Um anno 40 francos	Um anno 10\$000
6 mezes 30\$000	6 mezes 24 »	6 mezes 5\$500
Numero avulso. 2\$500	Numero avulso. 2 »	Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT E C ^{ia} , <i>Rua do Ouvidor.</i>	Pelotas CARLOS PINTO E C ^{ia} .
São Paulo CASA GARRAUX, <i>Rua de 15 Novembro.</i>	Santos WEINMANN ET C ^{ia} .
Pernambuco. LAEMMERT E C ^{ia} , <i>Rua Marquez de Olinda.</i>	Campinas } LIVRARIA ESCOLAR.
Pará LIVRARIA COMMERCIAL, <i>Rua João Alfredo.</i>	Ceará } ALFREDO GENOUX.
	JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde et Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens

LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C^{ia}, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.



Mulher da Beira

AGUARELLA DE S. M. A RAINHA



O presente numero*

« REVISTA MODERNA », extremamente grata á alta gentileza com que S. M. a Rainha de Portugal se dignou permittir a consagração de algumas paginas do presente numero á sua Augusta Pessôa, tem o grande prazer de apresentar aos seus leitores uma interessante série de illustrações, comprehendendo um precioso dezenho original assignado pela Soberana, e, ainda, uma bellissima collecção inedita de retratos de Sua Magestade, de aspectos de seus aposentos, de vistas de suas Residencias preferidas, algumas das quaes são reproducções de magnificas photographias d'El-Rei D. Carlos.

Para aquelles que no Brasil e em Portugal acompanham com benevolencia o desenvolvimento da nossa publicação, este valioso e privilegiado numero constituirá uma nova prova da larga sympathia e do bom acolhimento que ella tem sabido conquistar em todas as espheras sociaes.

A ideia de honrar tão superiormente o nosso

texto com estudos e documentos concernentes á illustre Filha da Casa de França, que é hoje a tão estimada Rainha do velho e glorioso Portugal, encontrará perante o publico dos dois paizes a que esta *Revista* se destina, sem distincção de opiniões ou de partidos, a natural e justa sympathia que merece toda a homenagem tributada a uma Senhora intelligente e caritativa, a qual, se não fôra Rainha pela Corôa, seria sempre Soberana pela belleza e pelo espirito.

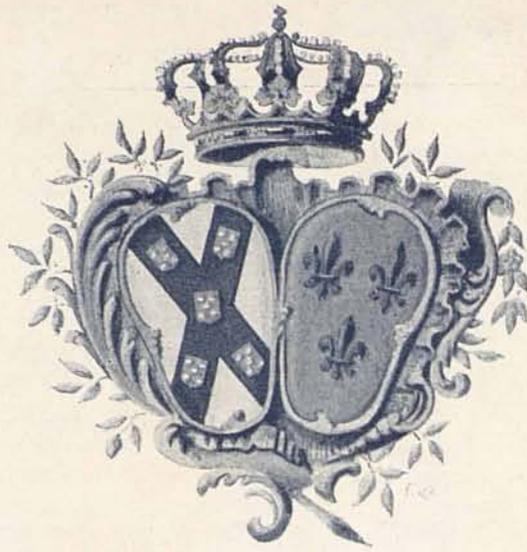
Estamos, assim, certos de interpretar os sentimentos de leal dedicação de muitos e o cavalheiresco respeito de todos.

Para conseguir dignamente este intuito, solicitámos a brilhante collaboração de alguns dos nossos eminentes amigos, aperfeiçoámos zelosamente a execução das nossas gravuras, colligimos curiosos documentos, podendo d'este modo offerecer á Sociedade Portugueza e Brasileira um trabalho completo, digno da Excelsa Princeza que o motiva, e grandemente interessante pelo lado litterario, artistico e historico.

M. BOTELHO.



* A absoluta falta de espaço nos impede de dar á publicidade um interessante artigo, acompanhado de bellas gravuras e firmado por um illustre nome portuguez relativo ao *Dispensario* da Rainha. Somos, assim, forçados a transferir-o para o proximo numero da *Revista Moderna*.



A RAINHA*

Dieu qu'il la fait bon regarder
La gracieuse, bonne et belle !
Pour les grands biens qui sont en elle,
Chascun est prest de la louer...

Assim Charles d'Orléans, Poeta e Principe Francez, cantava, com enterneçada e grave elegancia, n'uma das suas mais puras canções, rimada em louvor de Bonne d'Armagnac, sua mulher, ou talvez d'aquella filha tão amada, a Princeza Joanna d'Orléans, que, nesse anno de 1421, casára com o Duque d'Alençon, o desventurado valente da batalha de Verneuil. E em toda a fina Canção, depois de jurar aos Céus que não existe Dona ou Donzella que se compare a Essa, aquem ou além mar (o curto mar do Passo de Calais!), sempre termina por voltar, com admiração, ao dom que elle julga o melhor, o mais suave e o mais poderoso — *qu'il la fait bon regarder!*... Realmente, este dom de uma belleza comprehensivel e simples, que encanta desde que apparece, sem necessitar mesmo, n'esse acto de seducção, o soccorro da Intelligencia ou da Virtude, é dom precioso para uma Princeza. Outr'ora Platão ensinou que a Belleza é o esplendor da Verdade: — e o mundo antigo sempre exigiu que as suas Prophetizas fossem bellas, para que a perfeição da face garantisse a veracidade da inspiração. Depois, atravez dos seculos maceradamente christãos, esta idéa de harmonia esmoreceu; e até, na desesperada oppressão com que a Alma esmagou o Corpo, a fealdade, sobretudo acompanhada de tristeza e farrapos, se tornou uma condição de Santidade. A sabia Renascença restabeleceu o luminoso dictame Platonico. E, hoje, apesar de uma teimosa educação espiritualista, todos tendemos a crêr, como os homens da Attica, que as linhas muito puras do rosto traduzem os modos muito puros do espirito, e que Deus, confirmando Platão, carinhosamente aformosêa a morada que destina a uma alma que lhe é cara. Ora, para as Rainhas que a Etiqueta (sobretudo n'estas Côrtes Peninsulares, onde desde Carlos V se entendeu que Reclusão imprime Magestade) obriga a habitarem n'uma elevação solitaria, sob um docel, apenas contempladas na

sua rigidez pragmatica, sem que a multidão tenha d'ellas mais conhecimento do que aquelle, tão exterior, que se tem d'uma Imagem de altar, cuja tunica resplandecente pôde recobrir pinho tosco ou metal precioso, um proveito superior em possuirem a irrecusavel e esplendida auctoridade da Belleza. Como observa o prudente Montaigne: *Beauté est une pièce de grande recommandation*. De todas as verdades estabelecidas pela terra, ou ensinadas pelo Céu, só n'essa os homens concordam, submissamente, com deslumbrada unanimidade. Cada Poeta, desde Orpheu, para lhe exprimir a virtude dominadora e persuasiva, a considerou como uma Realeza; e, contra essa Realeza, nunca rugiram Jacobinos, nem antes, nem depois de Robespierre.

A Rainha de Portugal recebeu do Céu favoravel este dom d'uma belleza adoçada de graça, *qu'il fait bon de regarder*, e que, só porque apparece, governa. E esta qualidade de mulher quasi se torna social, quasi se torna uma virtude d'Estado, entre um povo, como o Portuguez, tão promptamente, tão finamente sensivel á formosura. Sobretudo quando, ao prendedor encanto da presença se junta, como na Rainha, para mais lhe alargar a irradiação, o espirito de Sociabilidade que ella herdou da sua raça e que foi sempre uma das elegancias moraes da sua Casa. Muito subtilmente se tem discutido sobre a qualidade original com que o Espirito Francez concorre para a grandeza do Espirito Humano. Uns votam pela Finura; outros pela Clareza; outros pela Ordem. Mas qualquer d'essas qualidades, ou todas ellas, exerceram sempre a sua influencia na Europa atravez do Espirito de Sociidade, que no seculo xvii se chamou, á maneira Romana, *Urbanidade*, e depois, no seculo xviii, quando em França o Genio nacional mais perfeitamente se harmonisou com o Regimen politico, se chamou, francamente, a *Arte de Agradar*. A esta Arte, que torna os caracteres macios, arredondados e polidos, como os seixos que um arroio manso envolve e docemente rôla, deve a França (mesmo agora que o arroio se desmanchou em torrente turva e brava), o ser a Nação onde as relações da vida se conservam mais facéis, mais commodamente suavizadas, e

* Já doente Eça de Queiroz escreveu este artigo que — apesar do seu vivo desejo — não pòde reler nem corrigir e que não obstante é um dos mais primorosos que o Mestre tem firmado.

d'uma harmonia tão tolerante na sua ligeireza que ella concorre para a solidez da sua unidade. Na Rainha de Portugal, este encanto de Sociabilidade está todo na sua dignidade familiar, repassada d'attenção, penetrada de sensibilidade, facil em docemente s'interessar, facil em discretamente se igualar, mas séria e concertada, e que um poeta um pouco precioso, como Charles d'Orléans, compararia ao arbusto gracil que se debruça, espalha perfume, derrama frescura, e logo formosamente retoma a sua elevação natural! A nós Portuguezes, povo de porte taciturno, que, durante longos seculos, se embuçou sempre em grandes capotes, e carregou sobre os olhos largos sombreros, esta facil, ridente, aberta e desembugada Sociabilidade desconcerta; e mesmo lhe impuzemos outr'ora, no começo do seculo, quando de França só conheciamos, por um lado os dansarinos e por outro os terroristas, o nome desdenhoso e desconfiado de *Francezismo*. O nosso velho escarpamento moral quasi nos impossibilitava de comprehender que uma affabilidade sempre activa e diffusa, um interesse attento que todo se alvoroça, uma effusão em que se entrega a alma no lampear d'um sorriso, não proviessem do esforço da astucia, para captar perfidamente a clientela dos simples... E, certamente, a simplicidade conversavel da Rainha, a sua affluencia de sympathia, a graça acolhedora da sua expressão, surprenderam, quasi inspiraram desconfiança a este povo habituado, desde o estabelecimento da Monarchia Absoluta, a não separar

Magestade de Imobilidade. E data este sentimento do « Portugal Restaurado », porque então se cimentou entre nós a hirta Pragmatica Cesariana, deixada em Lisboa pela Realeza d'Hespanha, que a herdára da casa d'Austria. No tempo dos nossos velhos Reis, ao contrario, todos os educadores de Principes lhes ensinavam o alto dever Real de comunicar docemente com o povo. Na sua *Doutrina ao Infante D. Luiz*, o douto humanista Lourenço de Cáceres gravemente lhe recommenda « que se não aparte da affabilidade nem dê pouca parte de « si ao Povo, pois que não ha erro mais nocivo para quem haja de senhorear animos Portuguezes! » E D. Aleixo de Menezes, na sua falla e despedida sublime a El-Rei D. Sebastião, lança estas grandes palavras : — « O excesso de affabilidade, Senhor, não compromette « a auctoridade do Principe... Mas muitos Principes, « relaxando a sua auctoridade com os validos, e conservando trato altivo para o seu povo, vieram a ser aborrecidos de uns e desestimados de outros. » Hoje, Deus

louvado, na nossa Sociedade tão igualada como um campo de restolho, já não existe possibilidade para Reis « de trato altivo » : como na nossa mudada Lisboa já não existem ruas por onde um D. Pedro I dansasse, mettido com os mestiraes, ao clarão festivo das tochas, ao clangor das longas de prata. Todavia, ainda comprehendemos mal o Imperador da Allemanha, derradeira encarnação philosophica do Direito Divino, trajando uma farda esbelta e simples, e jantando, com intimidade alegre, em casa de um Poeta ou de um Sabio. E, só recentemente, esta amenidade franceza da Rainha começou a ser entendida na sua exacta essencia, como a irradiação muito natural de uma bondade muito culta. Desde então, porém, é com essa bondade acariciadora, que ella, como dizia o velho Cáceres, « senhora os animos portuguezes ». Sob a nossa casca fusca e rugosa, nós somos, realmente, um povo doce, que adora a doçura; e apenas este povo descobriu que esta affabilidade da Rainha não era um artificio de Côrte, mas uma expressão d'alma, logo, entre Rainha e Povo, se estabeleceu essa sympathia que se alarga, e que talvez constitua, insensivelmente, uma força social... Sim, uma força pois, que só agora, que se estudou tão penetrantemente Psychologia das Multidões, se comprehendeu quanto n'um velho throno, vale um brando gesto.

Esta affabilidade transparente da Rainha permite que se distingam alguns modos do seu pensar e modos do seu sentir, sempre tão difficeis de perceber em Principes, pois que tres



S. M. A RAINHA D. AMELIA.

(Phot. Camacho.)

opacas muralhas os dissimulam : — a Etiqueta, o Resguardo contra a familiaridade, e a Timidez, inconveniente tão congenere em Principes, que não faltou a Luiz XIV nem a Augusto! Ora, de muitas mulheres, sobretudo de muitas Rainhas, apenas se relatou a sua elegancia e a sua gentileza — logo se findou a sua curta e mundana Historia. Na Rainha, porém, para além do brilho visível, existe ainda um harmonioso conjunto de idéas e de sentimentos, interessantes de estudar pela sua elevação e rectidão, — e ainda, porque, pertencendo a uma Rainha de Portugal, esses pensamentos e esses sentimentos, beneficemente reverterão, como diz a nossa velha Lei, « a prol do commum e aproveitança da Terra ».

O que logo surprehede e captiva na Rainha é a sua completa e carinhosa nacionalisação portugueza; e, no emtanto, bem sabemos nós todos que lidamos com a Historia, quanto a flôr de Liz é flôr difficil e rara de enxertar! Mas aqui o Lyrio de França mer-

gulhou tão profundamente a raiz no torrão portuguez e tão gratamente absorveu a sua substancia, que, hoje, na fórma, na côr, no aroma, já se não differença de qualquer fresca e genuina rosa de Portugal. A Rainha ama a nossa terra como se d'ella houvesse brotado. Um tal amor era sempre instinctivo n'uma Rainha da Meia-Idade ou ainda da Renascença, — porque a Realeza se compunha então de Paternidade e de Posse. O Rei governa e protege como pae e dono. Não ha villa, cabana, ovelha ou arvore a que elle não deva cuidado paternal e em que não exerça dominio senhorial — que os costumes lhe continuam, mesmo quando as leis lh'o arrebatam. A ternura pelo Povo e pela Terra é ampliação natural da ternura pelo filho e pelo patrimonio. Como não amaria de resto um Rei do seculo xiv ou xv, n'uma terra toda sua, uma turba humana toda sua, docil e filial, que para elle lavra, para elle edifica, para elle combate, para elle ergue as mãos, mesmo antes de as erguer para Deus? Mas uma Rainha, hoje, sabe que o Povo que a acclama, lhe pertence tanto como a qualquer outra mulher, que passe ao lado, com o seu cantaro para a fonte. O titulo que ella conserva e que outr'ora lhe conferia espiritualmente, um direito positivo hoje só lhe confere, socialmente, uma função cerimonial. E nem o patriotismo mais ciumento poderia reclamar que uma Senhora de terra alheia, desde que entregou a mão, n'uma igreja, deante de um Bispo, a um Principe nosso, logo entregasse

o coração todo, sentidamente, ao povo e á terra de que um contracto a ergueu Rainha. Mas, realmente, a Rainha, desde que a lei a tornou Portugueza, logo se desejou Portugueza. Juntando intelligencia e sentimento, alargou os seus bellos olhos, avisou o coração, tentou comprehender e estimar. A terra logo a enlevou pela sua maravilhosa graça rural. Depois, conheceu a gente, o seu labor paciente, a sua robusta sobriedade, o seu carinho do lar, a sua reverencia meiga e sem adulação, a risonha simplicidade com que acolhe a ventura, a tocante conformidade com que acceta a desventura. E desde que tudo comprehendeu, tudo amou. Esta affeição, pois, da Rainha por Portugal, é não só de sympathia, mas de raciocinio. Pôz n'ella toda a sua sensibilidade, mas tambem toda a sua vontade. E bem podemos, pois, louvar n'esta Rainha, como consciente vir-

tude, o que n'outra Rainha, Isabel de Portugal, uma grande santa, de grande altar, não passaria de inconsciente instincto...

De muitos modos, todos intelligentes e uteis, a Rainha nutre e aviva esse seu amor por Portugal. Sem que o crespo e secco dizer dos nossos chronistas a assuste, ella mergulha piedosamente nas nossas Chronicas. As nossas velhas industrias caseiras são um dos seus ternos cuidados. Não podendo restaurar todos os monumentos decahidos, a todos estuda, desenha e indaga a historia, para se penetrar da robusta alma que os creou. E o seu enthusiasmo não cessa de estimular a inesperada e promettedora renascença do nosso Nacionalismo.

Uma das feições mais tocantes da sua alma portugueza é a admiração pelos homens fortes que fizeram o reino forte. Filha de França, terra de tão alta valentia que Deus a escolheu para seu Soldado e por ella fez os seus grandes feitos, *gesta Dei per Francos*; princeza de uma Casa onde os heróes decerto não escasseiam, pois que quarenta e nove dos seus antepassados morreram soberbamente em combate — a Rainha, hoje, sem abandonar sua affeição filial pelos paladinos da França, sente uma admiração talvez mais enternecida, pelos de Portugal, ou por comprehender já que elles mais concorreram para a grandeza da humanidade, ou porque, pertencendo ella mesma á historia de Portugal, se affeioou por aquelles que tornaram essa Historia tão



S. M. A Rainha em 1886.

(Phot. Camacho.)

poetica e tão heroica. Talvez esse Bertrand du Guesclin, de quem, na sua infancia, tanto lhe contariam, se ande já desvanecendo no seu espirito, ante a sombra mais vasta e nobre do nosso Affonso de Albuquerque; — e receio mesmo que o puro dos puros, a flôr de toda a cavallaria feudal, o bom senhor de Bayard, seja esquecido por aquella maior pureza e melhor flôr de christandade, o santo e Gran-Condestavel! Mesmo na sua preferencia pelas residencias historicas, ella mostra esta religião do velho Portugal. Em Villa-Viçosa, que contem tão curioso pedaço da nossa Historia, desejaria ella decerto que a Côrte permanecesse, com o seu antigo Estado paternal e solarengo, entre um povo amavel e familiar, para quem fosse menos a Rainha do que a « boa Senhora ». Ou então ditosamente, habitaria esse Castello da Pena, que, sobre a fresca serra, revive

na nossa Edade, um castello de lenda, semi-encantado, com moiras nas fontes, todas as tardes mysteriosamente embrulhado entre nuvens, e pelas nuvens levado, e nas nuvens desfeito... De resto, Portugal inteiro a encanta e a retem, como sua : — e onde esta Princeza de França agora se sente estranha, e vagamente exilada, é na terra de França!... Oh! decerto a ama — porque não é



S. M. A Rainha aos 18 annos.

esta Patria que se esqueça, sobretudo quando se vem dos Reis que a crearam — Mas, mesmo n'este velho Pariz, entre o Louvre e Notre-Dame, tão cheios dos seus, talvez ella se surpreenda a pensar saudosamente n'aquella quieta e simples e assoalhada calçadinha que sobe para as Necessidades... A Rainha, como a sua graça affavel o annuncia, possui a Bondade, nas suas formas amaveis, a tolerancia, a bemquerença, a doçura com os humildes, a piedade de todo o mal. Mas na sua alma portugueza, a Bondade floresce principalmente, sob uma forma toda nossa e do nosso povo, a Caridade. Oh, bem sei! A caridade pertence a todas as terras, porque a todas, com um fulgor mais intenso ou mais tenue, penetra o espirito de Deus. Ha caridade entre os homens pelludos e quasi inhumanos da Terra do Fogo e entre os Inoítos das ultimas neves que nunca conheceram relvas ou flôres — porque a ha entre os bichos, onde os Naturalistas, sem se surpreender, descobriram Associações de Beneficencia. No entanto, a sua expressão é diferente nas Sociedades, e de desigual belleza. Emquanto que a caridade, na Inglaterra, reveste um caracter todo social, e se exerce para manter a grandeza harmoniosa do Estado; e em França toma um caracter todo racional, e se professa para adiantar a Igualdade juridica — entre nós, ella é simplesmente emocional, brotando dos impulsos do coração, sem considerações pela Sociedade, sem submissões ao Raciocinio, arremessada diffusamente, apaixonadamente, na pressa d'um enternecimento, que, ante qualquer miseria, só ancia por que ella se allivie, ante qualquer pranto, só deseja que elle se enxugue, mesmo sem gratidão. Por isso, a sua forma corredia e facil é a esmola — a esmola que os Economistas condemnar como immoral, porque, calmando a necessidade, protege a ociosidade, e que os Socialistas combatem como funesta, porque, adiando a revolta, prolonga a injustiça. Portuguezes não se enredam n'estas subtilezas de Doutrina. Perante a mão que supplica, não parámos a desejar que ella agarrasse antes uma ferramenta para obter a abundancia individual, ou que empolgasse antes uma arma forte para impôr a igualdade social. — Não, muito candidamente, escandalizando o Economismo e o Socialismo — palpamos o bolso, com viveza amavel, e damos. A Rainha tem esta expressão sentimental e anti-doutrinaria da Caridade portugueza. É uma senhora de grande e delicada esmola. E a sua esmola não baixa magestosamente do Throno, n'uma salva, entre hallabardeiros. Ella propria a lêva, sob um véo espesso, a todos os recantos, onde pressinta uma lareira apagada,

farrapos tão rôtos que já nem se remendam, a enxerga pisada pelo lento soffrer. Mas, ao mesmo tempo, como Franceza, ama a caridade racional, que se organisa, se arma em Instituição, derrama o bem por estatuto. D'essa nasceu o seu *Dispensario* admiravel. E, assim, a senhora excellente, dá com a razão, dá com o coração; dá calculadamente, por livros bem escripturados, e dá compassivamente, ao acaso da sua sensibilidade, talvez errando pelo lado da Sciencia, mas acertando pelo lado de Deus. Virtude transcendente e inédita? Oh! não! Todas as Rainhas professam a caridade, porque a Regra Monarchica, copiando a Tradicção Feudal, lhes destinou essa suave função no Estado : e, modernamente, em Portugal que as Rainhas nos venham da Allemanha, de Italia ou de França, todas, na doce continuidade d'um encargo santo, encham o seu regaço com os pães de Santa Isabel. O encanto especial da esmola da Rainha está no silencio abafado com que a espalha. E não pelo receio de que a sua esmola pareça, aos que a testemunham, o preço tortuoso da sua popularidade — mas pelo desejo que a esmola chegue a aquelles que a recebem como o escondido quinhão da sua fraternidade. E o outro encanto ainda reside n'esse complemento da Caridade que os Santos Padres tanto exaltam, a avareza para conosco, bem apertada, acompanhando a liberalidade para com os outros, bem solta! A Rainha, moça, bella, mas não rica, poupa no seu luxo para esbanjar na sua beneficencia; e a sua simplicidade é mais uma escolha do gosto é que uma imposição do Dever.

Conta uma lenda antiga que, no céu, ao lado do Senhor, n'um escabello d'ouro, um Anjo arróla, n'um folio, felizmente immenso, as esmolas que se espalham na terra. Este pobre Anjo, por vezes, suspende a diamantina penna e hesita e suspira, ao inscrever certas liberalidades que avançam faustosamente pela rua, entre pregões e tambores atroantes. Mas a columna da Rainha deve andar toda esparrinhada de coruscante tinta, pelo alvo-roço ditoso com que o Anjo, decerto, marca esmolas dadas com tão gentil piedade e discreta emoção.

Uma bondade assim forte e activa, nos limites em que a encerram a Etiqueta e os costumes Reaes, já denota um espirito sério. Mas toda a vida da Rainha constitue uma manifestação perenne d'essa serieidade desejavel. Se percorremos a Historia intima dos Estados, observamos logo, com tristeza ou com malicia, que o mal da frivolidade grassa fundamentalmente nas Rainhas, e que, ou se occupem de luxo, ou de sentimentalidade galante, ou de intrigas Dynasticas, ou de enredos de



S. M. A Rainha aos 15 annos.

Côrte, ou de parcialidades de [Religião, ou de tramas políticos, as suas vidas se resumem em confusão e ruído esteril. Ditosa ainda a nação, quando, á poeira que ellas ergueram, se não mistura sangue! N'este seculo, porém, mesmo sem alludir á triumphal soberana que o enche,



S. M. A Rainha aos 8 annos.

e que como Augusto, creou uma era, a Era Victoriana, abundam rainhas estimaveis pelo caracter, pela intelligencia, pela comprehensão da dignidade real, pelo fecundo emprego da existencia. A Rainha de Portugal pertence a essas soberanas bem-louçadas, que, por lhes faltarem já tantos direitos, e, não desejando definir na inutilidade, atravez das frias salas dos Paços, se impõem muitos e graves e laboriosos deveres. E a dous d'es-

ses deveres se applica a Rainha com tocante attenção, ao dever intimo, e *theological*, como lhe chamaria um Padre da Igreja, do aperfeçoamento proprio; e ao dever publico, nacional, da educação dos Principes. No aperfeçoamento proprio, a Rainha conserva sempre presente, alem da necessidade superior de ornar o espirito, a obrigação de se abastecer, de se completar para a sua missão Real. As suas leituras, copiosas e cuidadas, todas se concentram sobre Historia, e, na Historia, sobre as Memorias que offerecem ainda o mais seguro caminho de se penetrar na almas e nos motivos humanos. Mesmo as Artes, que ama com uma fidelidade fina, sobretudo a Pintura, em que revela observação, e a certeza facil do traço expressivo, ella as aproveita para mais e melhor se impregnar das feições, dos costumes, dos aspectos do povo e da terra de que é Rainha. Na musica, a sua affeição vae para as cantigas populares d'este velho Portugal que galanteia cantando, trabalha cantando, falla a Deus cantando, e, cantando, emballa a morte. E, mesmo n'esse robustecimento do corpo que a Antiguidade estabeleceu como um dever religioso e que nós estamos, felizmente, organizando como um dever social, a Rainha prefere a todos, os exercicios d'um cunho rija e velhamente portuguez; e, se a sei apaixonada da « Nobre e Liberal Arte de Cavalgar toda Sella » não a supponho menos affeçoada a toda essa dextra, valente, e salutar campanha que Portugal mantem com o toiro, desde a ferra até á lide!

Assim, alem da larga porção do cerimonial d'Estado que a Constituição lhe impõe (e que a nós, solitarios trabalhadores da penna, parece tão acabrunhadora) a Rainha passa uma vida de labor intellectual, esmerado, fecundo e patriótico. Mas o seu trabalho genuinamente patriótico é o da educação dos Principes. E não porque ella se esforce em os tornar dous *Principes*, no rigido

sentido Monarchico, mas porque aspira a que n'elles cresçam dous *Homens* no mais vasto e nobre sentido humano. A educação d'um Principe! Ponderoso problema philosophico de todo o erudito seculo xvii e ainda do ligeiro e generoso seculo xviii! Nenhum thema, como este, afiou a sagacidade dos moralistas. Quantos succulentos e magestosos programmas! Quantos tratados facundos, embebidos de todas as preciosidades da Ethica, e de toda a experiencia do Classicismo, de toda a commentação da Natureza! E o resultado d'esta tão repleta pedagogia do Estado, para que concorriam Prelados, Humanistas, Magistrados, Philosophos, Poetas, Marechaes, era, quasi sempre, em toda a pobre Europa, uma série de Principes detestaveis ou risiveis. Todavia, em obediencia ao exemplo sublime de Alexandre, o maior dos Homens, sempre os Reis deram aos Filhos, como preceptores, os Personagens superiormente illustres do reinado. Debalde! Fénelon transformou o duque de Borgonha que *nascêra terrivel*, como affirma Saint-Simon, n'um Philosopho cheio de dignidade e de mansidão; mas todos os preceptores famosos falhavam, e, das suas licções doutissimas, dos seus cuidados piedosos, surdia ora um insignificante, ora um burlesco, ora um monstro! Porque, severos Ceus? Porque os nobres Preceptores já recebiam os principesinhos do escuro fundo dos Paços, com a natureza irremediavelmente estragada pela camarilha interesseira de saias e de librés!

Para além dos Pyreneos, só uma casa Real, a casa d'Orléans, ao findar o seculo xviii, educava os seus principes, com verdadeiro amor pelo caracter e pela intelligencia. Então apparecera, sem a virtude e a belleza moral de Fénelon, mas com uma visão talvez mais segura dos destinos da Realeza, a ideal educadora de Principes Madame de Genlis. D'essas educações fortes, claras, profundamente humanas, vieram esses Principes cultivados, valentes, brilhantes, superiormente Francezes, em quem os pensadores d'este seculo, os mais descontraçados, desde Metternich, o estreito estadista do Direito Divino, até Victor Hugo, o enternecido lyrico da Democracia, admiraram « homens como ha poucos, e Principes como nenhuns ha ». A uma Princeza d'essa Casa cabe hoje educar dois filhos, Principes de Portugal. E, n'esta missão, ao que parece, os seus cuidados tendem, menos a ensinar prendas, do que a crear virtudes.



S. M. A Rainha aos 6 annos.

N'este singelo programma de Pedagogia maternal, vêde já que fecunda revolução! E, quando a Rainha a tiver realisado, se a realisar com ventura, terá cumprido esplendido feito. Branca de Castella quasi ficou santa de Calendario, por ter guiado, para a Santidade, S. Luiz,

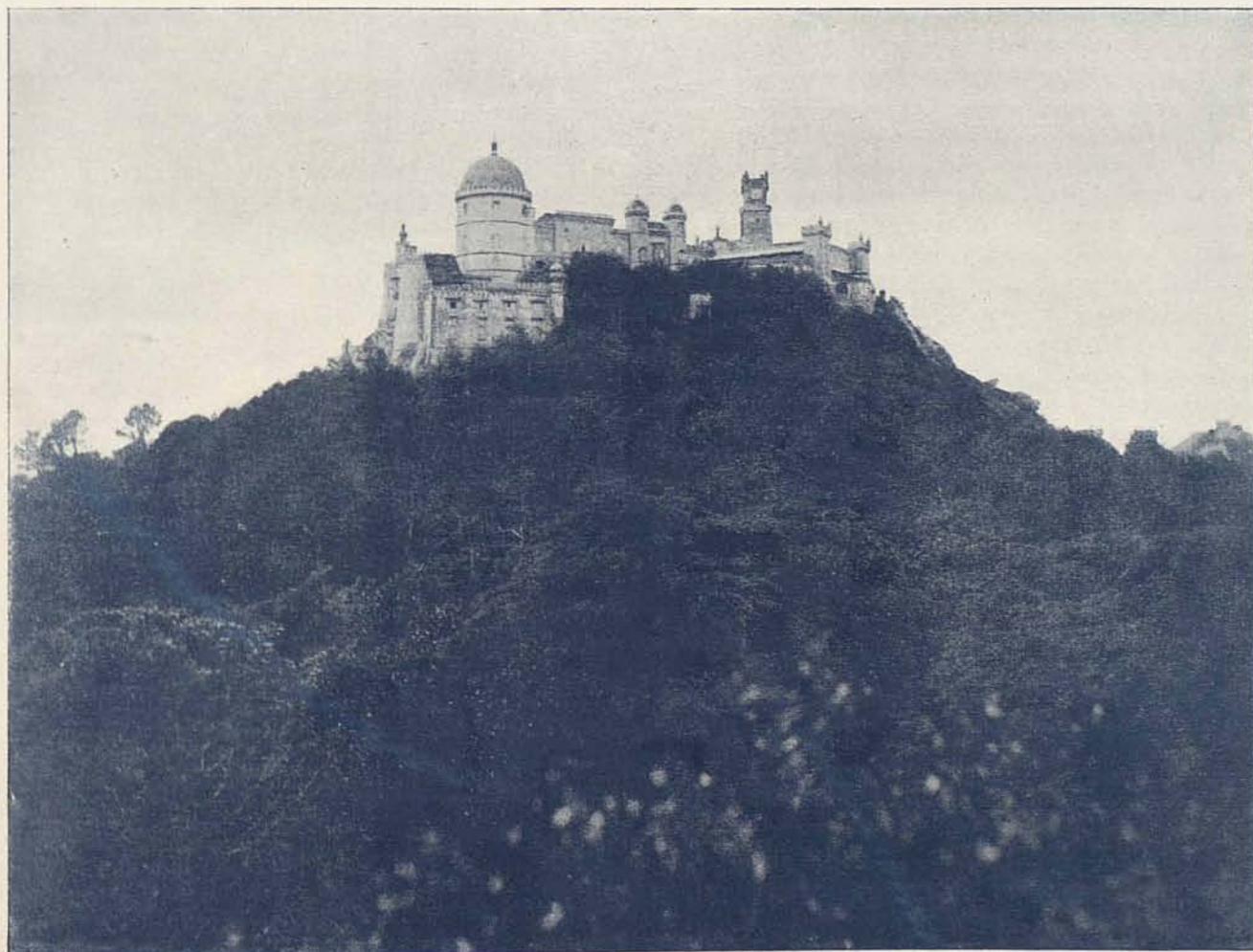
Rei de França. A sua glória reluz também, na Historia, por ter feito de Luiz, não o doce Santo, mas o nobre Rei. Todavía, mais a eleva entre as mulheres, e lhe rende os corações, o ter formado, em Luiz, aquelle perfeito espelho de doçura, clemencia, renunciamento, misericordia, e quasi divina amizade pelos homens.

S. Luiz é uma encantadora imagem, para que eu me detenha junto d'ella, n'estes pensamentos sobre a sua neta excellente. De resto, ante esta Princeza *qu'il fait si bon regarder*, graciosa, boa, e bella, tão portugueza, tão humana, tão doce d'emoções, tão recta d'instinctos, desejosa de bem fazer, attenta a bem pensar, leal e amena, corajosa com a serena coragem da sua Casa, sensata com o luminoso senso da sua raça, toda penetrada dos seus deveres reaes, toda alvoroçada pelos seus deveres maternos, d'uma dignidade benigna, d'uma seriedade carinhosa — eu não tentei compor um Retrato, como elles se usavam e estimavam nas polidas lettras do seculo XVIII. E como poderia? e como saberia? Sempre a obscuridade e a sorte me trouxeram alheio á Côrte. Na minha terra, onde nem vivo, eu sou apenas um cansado e velho fazedor de livros, que passa. Só raramente penetro no Paço, por aquella grata escada que em Versalhes se chamava *l'escalier des Poètes*, e por onde se sobe, menos á presença do Rei, do que ao trato interessante do Erudito e do Artista que é Rei. De Príncipes, só conheço o coração áquelles, tão raros! que foram Poetas como o meu gentil Charles

d'Orléans e que puzeram, todo o seu coração em Rondos e Villancetes. Depois, a presença angustiosa das miserias humanas, tanto velho sem lar, tanta creancinha sem pão, e a incapacidade ou indiferença de Monarchias e Republicas para realizar, a unica obra urgente do mundo, « a casa para todos, o pão para todos » lentamente me tem tornado um vago anarchista entristecido, idealizador, humilde, inoffensivo... Anarchismo, mesmo vago; tristeza mesmo philosophica; idealisação mesmo escondida não compõem um bom cortejo. Mas, uma Rainha *gracieuse, bonne et belle*, certamente me encanta. E, pois que o nosso pobre Mundo tanto necessita de doçura e bondade, sinceramente, creio na vantagem social de que, por vezes, uma Rainha, irradie um pouco da sua doçura, da sua bondade, da sua belleza, sobre os costumes, os espiritos e as Leis. Assim eu tivera a fina arte de tornar esta, que é Rainha de Portugal, bem clara, e bem comprehensivel... Não tenho — por que, « passaro solitario e humilde », como diz Camões, mal posso eu mesmo comprehender quem se move em paragem tão complicada e remota da minha « riba solitaria, e simples... »

.... Et, pour ce, Princesse,
Quand ainsi devant vous seray,
Veuillez, par votre grant humblesse,
Me pardonner se je ne sçay
Parler de vous comme devrays...

EÇA DE QUEIROZ.



O CASTELLO DA PENA.

(Phot. de S. M. El-Rei.)



A HISTORIA contemporanea tem de ser feita com *instantaneos*, como o retrato moderno tem de ser composto por uma série de Kodacks.

Nos bons tempos das Academias, o chronista erudito traçava em linguagem elegante e phrase colorida, no intervallo de duas pitadas sahidas da tabaqueira d'ouro, e enquanto da annelada cabelleira o pó esvoaçava, em torno, subtil, as linhas dos personagens historicos, Reis, Princezas, Generaes ou Ministros — que nos grossos in-folios, encadernados em carneira, ficavam, atravez dos tempos, nas estantes das livrarias, expostos á admiracão dos leitores encomiastas, ou ao desprezo das geraçõs indignadas.

Quando Velasquez reproduzia na tela as expressivas physionomias dos principes da Casa de Austria, e, mais tarde, Machado de Castro fundia no bronze a pomposa e magnificente figura de El-Rei D. José, que ha cento e tantos annos garbosamente bifurca o seu monumental cavallo de Alter, pintores e esculptores, com socego e

talento, com descanso e com aquelle sexto sentido que fecunda o cerebro e serve de poderosa objectiva, desenhavam ou coloriam os retratos dos seus modelos nas nobres e convencionaes posições em que a historia os ha de fixar, ou modelavam-lhes as fórmas nas victoriosas posturas, em que atravessam, gloriosos na sua immobilidade de estatuas, os campos perennemente floridos da posteridade.

Hoje a historia é escripta pelos *reporters*, em retalhos de papel, nas ante-camaras dos Paços e das Secretarias, nos corredores dos parlamentos, nas escadas dos terceiros andares, nas salas dos tribunaes, nas platéas e camarins dos theatros..... E onde mais !..... E o retrato é apanhado pelo janota de calças de flanela e flôr na botoeira, que surprehende o modelo nas praias de banhos, nos *pic-nics*, nas incongruentes attitudes do *tennis* e até nas ridiculas combalhotas do *polo*.

E o personagem, colhido em flagrante, reproduzido em repetidas e inconvenientes posições, de pé no ar, de



PAÇO DAS NECESSIDADES. — Gabinete de trabalho de S. M. A Rainha.

olhos esbugalhados, com a face franzida e a bocca escancarada, com o collete desabotoado e o chapéo na nuca; ali fica pregado no pelourinho da chapa photographica, que assim o ha de mostrar em mangas de camisa ou tasquinhando uma melancia vorazmente, aos seus filhos, e aos netos dos seus netos..... por esses tempos fóra.....

A arte na maneira moderna soffre bastante. Por isso o publico de hoje ao mesmo tempo exige o quadro historico no museo e a estatua equestre na bella praça pombalina, e reclama as noticias rapidas, elucidativas, minuciosas, os animatographos que lhe mostrem o personagem na intimidade de sua vida e surpreendido na série das suas expressões e movimentos.

elegancia da noiva, que, dois dias depois, era levada no pomposo coche de D. João V, puxado por dez parelhas brancas, na irradiação da sua mocidade, da sua belleza, da sua felicidade, e seguida por mais quatorze coches recheiados de princezas, que lhe formavam a comitiva.

É n'estes termos que a *Revista*, desejando fornecer hoje aos seus leitores a delicada e deliciosa impressão d'uma individualidade que a sympathica curiosidade do publico reclama, apresenta a *reportage* d'este artigo explicativo que, sem arte, ajuda a comprehender o modelo do quadro traçado pelo grande artista que precede.

Alta, quando se apeiou a Princeza, a sua cabeça dominava a multidão.



PAÇO DAS NECESSIDADES. — Gabinete de trabalho de S. M. A Rainha.

* * *

A Rainha foi a primeira soberana portugueza que entrou nos seus estados em caminho de ferro.

Esta entrada, por certo menos pittoresca que a das pomposas comitivas, que, em festas deslumbradoras, atravessavam pelo Cáia as fronteiras d'Hespanha, trazendo-nos, embaladas em pesadas caleças, a través dos campos alemtejanos, as Princezas que vinham casar com os nossos Reis, — e menos imponente que a das galeras e corvetas que aproavam á barra com as Rainhas que, ao som de artilherias, desembarcavam logo a seguir para os degrãos do throno; esta entrada, digo, de caminho de ferro, em nada diminuiu a poesia da Princeza que, timida, na sua toilette azul e branca, se apejava em Santa-Apolonia, entre centenas de olhares curiosos que a examinavam applauditivos, nem offuscou a vaporosa

E lembra-me de n'esse tempo ouvir dizer que, d'entre todos os que fallavam á Princeza, só o Bispo Conde podia conversar com ella. Esse que a Princeza distinguio então pela estatura physica entre os que a rodeavam, distinguio-o mais ao deante pela sua elevada estatura moral para o delicadissimo encargo de dirigir a educação religiosa de seus filhos, com a garantia de lhes ministrar a simples e sã doutrina do christianismo, que o virtuoso Prelado tão exemplarmente pratica.

A educação dos Principes! É esta actualmente a mais intensa e absorvente preocupação da Rainha. Na sua empreza de, apoz lhes formar o coração, lhes moldar agora o espirito e assim dotar com homens uteis e bons a Patria portugueza, tantissimas vezes faz lembrar o retrato que, de D. Philippa de Lencastre, tracejounos « Filhos de D. João I » Oliveira Martins. As obras deste escriptor lê-as a Rainha, e medita-as com predileção

nas horas em que, á faina complicada das suas occupações diarias, abre com regalo um parenthesis intellectual.

Occorre-me até que, logo depois de apparecer o « Nun' Alvares », e de uma vez que o historiador appareceu no Paço, a Rainha, fallando-lhe com enthusiasmo do discreto criterio das paginas tão cheias de poesia d'aquelle tão poetico assumpto, o interrogou sobre o emprego d'uma palavra que se repetia frequentes vezes na narração da batalha de Aljubarrota, e que a ella se affigurava de uma accepção odiosa e deprimente que, não se harmonizando com o tom geral dos periodos, lhe fazia perder o sentido de varias passagens. Era a palavra *bésta*, cuja significação lhe escapava no seguimento das phrases. Facil foi ao escriptor, lisongeiado por vêr com que minuciosa attenção os seus livros eram folheados, fazer notar á Princeza que o accento agudo sobre o *e* de *besta* lhe dava a significação d'um engenho de guerra, e não a de um epitheto infamante.

D'outra vez que Oliveira Martins, então Ministro da Fazenda, em plena tarefa de arcar com os credores estrangeiros assanhados, esperava n'uma sala do Paço a hora em que El-Rei dá assignatura, e com a cabeça levemente inclinada sobre a esquerda n'uma posição de melancolica meditação, que dava um certo encanto á physionomia do pensador, excogitava, contrafeito, o segredo de arranjar alguns vintens para o thesouro; enquanto o seu espirito sonhador soffria a nostalgia dos estudos favoritos, a Rainha mandou-o chamar para saber a explicação d'um capitulo, (creio que esse mesmo de Aljubarrota) que pelo incompleto conhecimento topographico do terreno em que se dá a batalha, lhe offerencia duvidas. Dez minutos depois o poeta da historia, enlevado na explanação do seu trabalho, esquecera completamente o financeiro, e o Snr Dias Ferreira, então Presidente do conselho, procurava inutilmente o seu collaborador em todos os recantos das salas.

Não são sómente as obras do mallogrado escriptor cujo convivio a Rainha apreciava, e de cujo talento tanto admira as producções, que constituem o seu unico alimento intellectual, o seu unico acepipe litterario em lingua portugueza. Aprendendo ainda em Pariz, quando noiva, as primeiras palavras da sua futura lingua com uma senhora alli residente, consolidou essa aprendizagem depois, em Portugal, com o paciente e minucioso humanista Alves de Souza, que, com eruditas exhortações

formuladas em phrases d'um classicismo repassado de leve sabor archaico, a tentava iniciar nos mysterios da syntaxe, nos labyrinthos dos verbos irregulares, e nas bellezas dos idiotismos da lingua.

Foi por isso, com um ligeiro sentimento de allivio, que acolheu um volume, encadernado á moderna, que lhe offerceu o actual Ministro dos Negocios Estrangeiros, o senhor Barros Gomes. Era um exemplar do « Frei Luiz de Souza » de Garrett. Logo que a Princeza, com a intuição de achar alli uma obra prima, abriu as paginas do poema dramatico, atravessadas por aquelle sopro de emoção que faz vibrar n'ellas todo o nobre cavalheirismo e a vaga tristeza da alma portugueza, sentiu, o que não sentira com as monotonas licções de grammatica e a leitura dos classicos, toda a belleza do idioma que serviu a Garrett para traduzir em palavras a mais bella inspiração do theatro contemporaneo.

Foi então que se abalançou a lêr os Luziadas, ainda ajudada com o auxilio de alguns commentarios nas passagens obscuras ou difficeis para qualquer leitor, e mórmente para quem transitava da clara e fixada lingua franceza para as oitavas camoneanas. Isso, em vez de lhe esfriar o enthusiasmo, maior afínco deu ao seu amor pelo verso portuguez.

Hoje, sobre a meza da sua sala branca, ou em qualquer das que habita de verão, entre as flôres suas dilectas e as photographias dos que estima, vivem na sua intimidade, encadernados em pellica branca, os sonetos de Camões, os do Anthero, as obras de Garrett, de

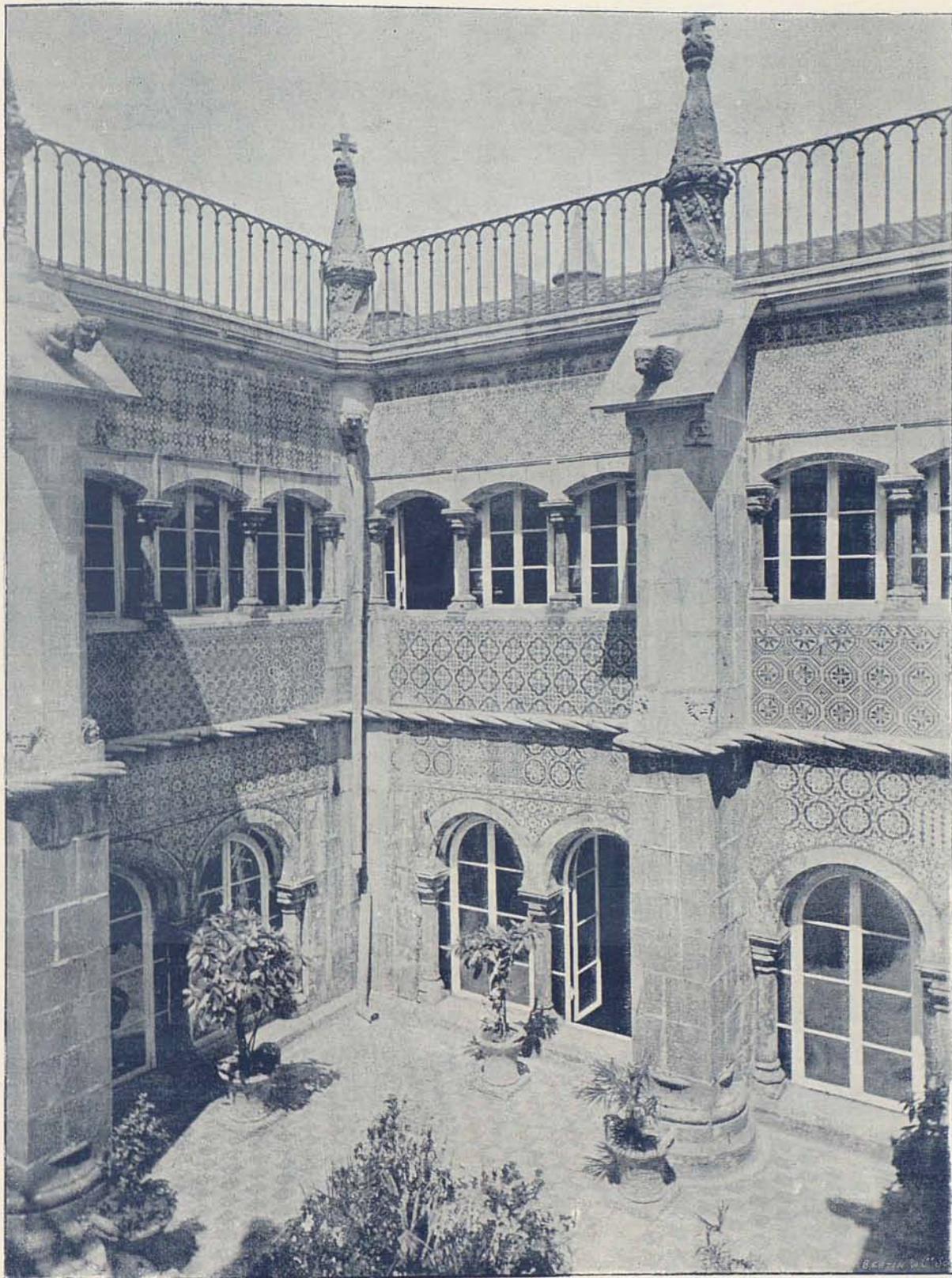


S. M. A RAINHA.

(Phot. Reutlinger.)

Herculano e de Castilho, os volumes de Gonçalves Crespo e de João de Deus e alguns outros de poetas ou prosadores que vivem e que não citarei, para que um esquecimento meu não fosse tomado á conta de menosprezo de quem, como a Rainha, sabe com tão seguro criterio distinguir e apreciar o verdadeiro merecimento onde elle se encontra.

E, uma vez que das suas leituras nos occupamos, notaremos ainda que, quem com boa vista soubér lobrigar ou ainda com a ajuda d'uma lente examinar as lombadas dos livros que povôam as suas estantes dos gabinetes que hoje a *Revista* dá em photogravura, encontrará as obras de Sá de Miranda, as de Garcia de Rezende, as Decadas de Barros e as chronicas dos patriarchas da historia desde Fernão Lopes que, de quando em vez, folheia, não por pedantismo ou preciosismo tão avêsso ao seu feitio intellectual, mas como curiosidade, pela ne-



CASTELLO DA PENA. — O Claustro.

(Phot. de S. M. El-Rei.)

cessidade de impressão do antigo como de quem visita o musêo de Cluny.

A par dos portuguezes distingue-se na sua livraria a série de volumes francezes, desde os classicos á pleiade dos contemporaneos. E entre as obras geniaes de Molière, de Corneille, e as pomposas de Racine, e as soporificas de Boileau, e as de Chateaubriand, Lamartine, Hugo, Musset, Gauthier, Saint-Victor, e tantas mais, marcam os pontos essenciaes da intellectualidade franceza n'este seculo as obras de Taine e de Renan.

Porque, com a sua corteza hespanhola, a Rainha herdou a faculdade de comprehender todo o encanto da litteratura tão rica d'esse paiz, tem sempre junto de si em pequenas edições, facilmente transportaveis, os tres poetas que melhor cantam a alma d'aquella nação — Becker — Campomór — Zorilla.

* * *

Dá hoje a *Revista* em *fac-simile* um desenho da Rainha. Representa uma mulher da Beira trazendo sobre a cabeça, coberta pela capuchinha característica, o cantaro regional.

Essa aquarella indica duas faces interessantes do espirito da Rainha. A sua capacidade artistica, o seu amor pelo torrão portuguez e pelos costumes tradicionaes do povo.

Quem entrar no Paço dos nossos Reis e com attenção observar os quadros, esboços ou *croquis*, as aquarellas, os pasteis, as gravuras, os albuns tanto de El-Rei como da Rainha, ha de com agradável surpresa admirar, dividindo-os em dois grupos, toda a verdadeira e intensa poesia do canto lusitano, traduzida por um nas suas marinhas em que sabe revelar com talento o mar nas suas tão multipas manifestações, a vida do pescador, a do marinheiro, as catraias a remos, e a falúa, correndo á véla, e a mulêta da pesca, e o salva-vidas da costa, isto é, todo o Portugal marítimo; e admirar, traduzido pelo outro, com instincto superiormente artistico, a vida do Portugal rustico nas reproducções dos costumes populares, na paizagem característica das regiões montanhezas, ou da lezíria ribatejana, na scena aldeã, em todo o que faz sentir a alma dos campos, ou a impressão de Portugal artistico na copia da epopeia de pedra dos seus monumentos, e da ingenuidade archeologica dos seus artefactos de bronze, de ouro, ou de madeira entalhada.



CASTELLO DA PENA. — Salão de S. M. A Rainha.

Todos conhecem as bellas telas da vida do mar que El-Rei tem exposto e que, por estarem já consagradas, é desnecessario exaltar.

Alguns dos quadros da Rainha são tambem já conhecidos, taes como a varina vendendo peixe, o carro de bois extremenho, o lavrador alemtejano, a mulher que apanha azeitona, o castello da Pena, o claustro dos Jeronymos, etc, e a reproducção d'um fresco do seculo xiv, copiado n'um subterraneo do primitivo castello de Villa-Viçosa, que apparece entre as gravuras que illustram os « Filhos de D. João I » de Oliveira Martins, e que compoem já uma valiosa collecção. Outra ainda existe, e não menos interessante, nas suas pastas formada por desenhos de alguns monumentos nacionaes, janellas manuelinas, portaes filigranados de velhos mosteiros, arqueadas abobadas das salas de capitulo hoje desertas, e uma serie de objectos da nossa riquissima joalheria religiosa, copiados nas exposições de arte ornamental, ou nas egrejas que ainda conservam os baculos, custodias, os perfumadores, as cruzes, as lanternas rendilhadas, etc, que, com paciente cuidado, vae accumulando, e que virão um dia



S. M. A Rainha em traje alemtejano.

a constituir um album precioso da archeologia artistica em Portugal.

* * *

Apreciando as artes, e o talento dos artistas, aproveita com alvoroço, sempre que pôde, a occasião de concorrer para que pintores esculptores ou architectos manifestem as suas aptidões, ou revelem os seus merecimentos. Á sua iniciativa se deve a linda imagem que Teixeira Lopes esculpiu da Rainha Santa, e as obras de restauração da Sé velha de Coimbra. E a todos os que lhe têm pedido que permita desenharem-lhe o retrato, ou modelarem-lhe o busto, concedeu com graciosa generosidade algumas horas da torturante situação que, em linguagem de artista, se chama a *pose*. Em compensação, por vezes viu, ao cabo de prolongadas sessões, apparecer entre outros o seu bello retrato a cavallo feito por Salgado, e o elegante busto em marmore de Thomaz Costa.

Na feitura d'este ultimo emoldura-se um episodio que revela a delicada attenção da Rainha em não perturbar o trabalho d'um artista, e é uma demonstração do seu animo estoicamente corajoso e varonil. Tinha o esculptor

pedido uma ultima sessão de pose para finalizar o seu trabalho, e o tempo urgia, visto que elle tinha de partir dentro de poucas horas para fóra do paiz. A Rainha marcou o dia seguinte, que era o sabbado, 31 de Janeiro de 1891, a uma hora da tarde. Pela manhã, foram recebidos no Paço os primeiros telegrammas noticiando que rebentára uma revolta no Porto.

A situação era melindrosa. As suas consequencias impossiveis de prevêr. Impossivel tambem prevêr até onde se alastraria o movimento. O Ministerio fóra a Belem dar conhecimento do que se passava. E logo, entre El-Rei e a Rainha, ficou accordada, com singela e simples coragem, a resolução de partirem n'essa noite para o Porto, sem apparato bellico, com a serena confiança na lealdade do seu povo. Tomada de commum accordo entre os dois esta resolução, El-Rei foi presidir ao conselho de ministros; a Rainha para o seu *atelier*, onde o esculptor a esperava, ainda desconhecedor, a essa hora, como todo o publico em Lisboa, dos acontecimentos que alvorocavam a capital do norte.

Foi então que essa Princeza cujo destino, o dos seus filhos e do seu paiz se estava, talvez, jogando n'um tiro-teio de balas, e n'um derramar de sangue portuguez, durante algumas horas teve, não só a coragem varonil de apparentar um animo descuidoso, como o requinte, mais valoroso ainda, de *poser* sorrindo, visto que o busto a representava sorridente, feliz e alegre, em todo o esplendor da sua *toilette* de gala.

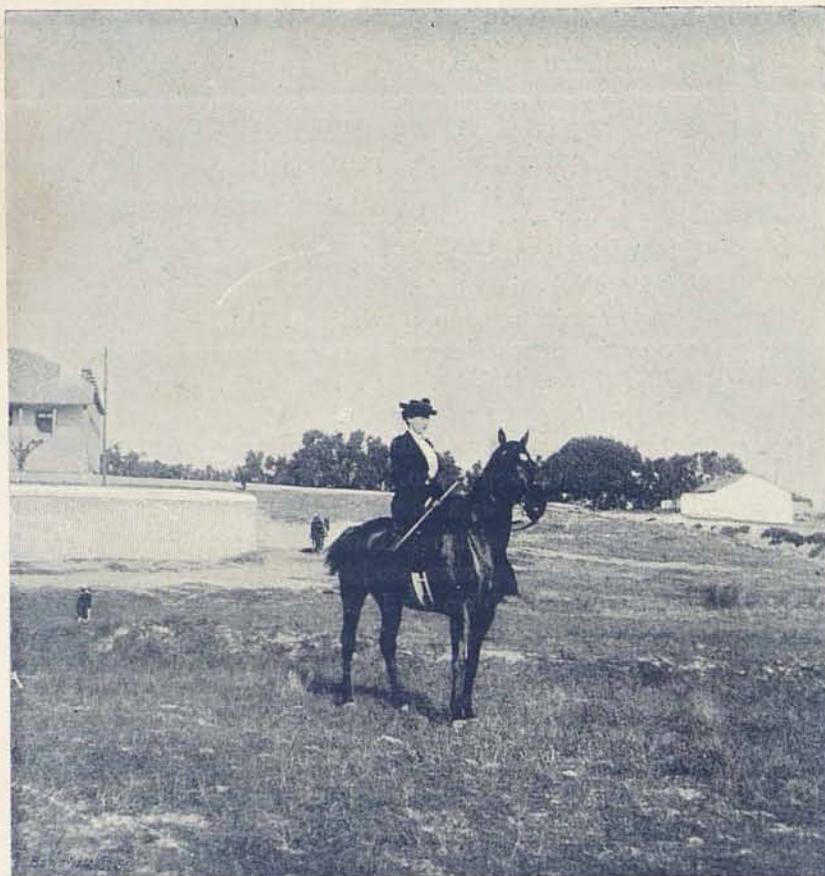
* * *

Uma das occupações que mais tempo toma na sua vida, é a de fazer o bem pelo bem. Não pratica a Rainha caridade por administração, mas administra caridade por sua iniciativa. É ella propria o seu Esmoler-Mór. Corre os hospitaes e as casas dos pobres, não a apavorando, nem as miserias horriveis nem os perigosos contagios. N'um hospital de variolosos em Arroyos, demorou-se ainda, ha poucos annos, mais de trez horas na sua visita. Percorre as fabricas indagando da sorte dos operarios e estuda, com fervor, o problema de melhorar as condições hygienicas das classes pobres em que os candidatos a tísicos figuram n'uma porcentagem pavorosa. Foi n'essa ideia que lançou as bases d'uma obra grandiosa que, posta em pratica, diminuirá consideravelmente o numero de tuberculosos na população, e que como ponto de partida iniciou desde logo e exclusivamente á sua custa o Dispensario, a sympathica e proficua instituição que, em Lisboa, fornece tratamento diario a algumas centenas de



S. M. A Rainha em traje alemtejano.

Carlof 1898

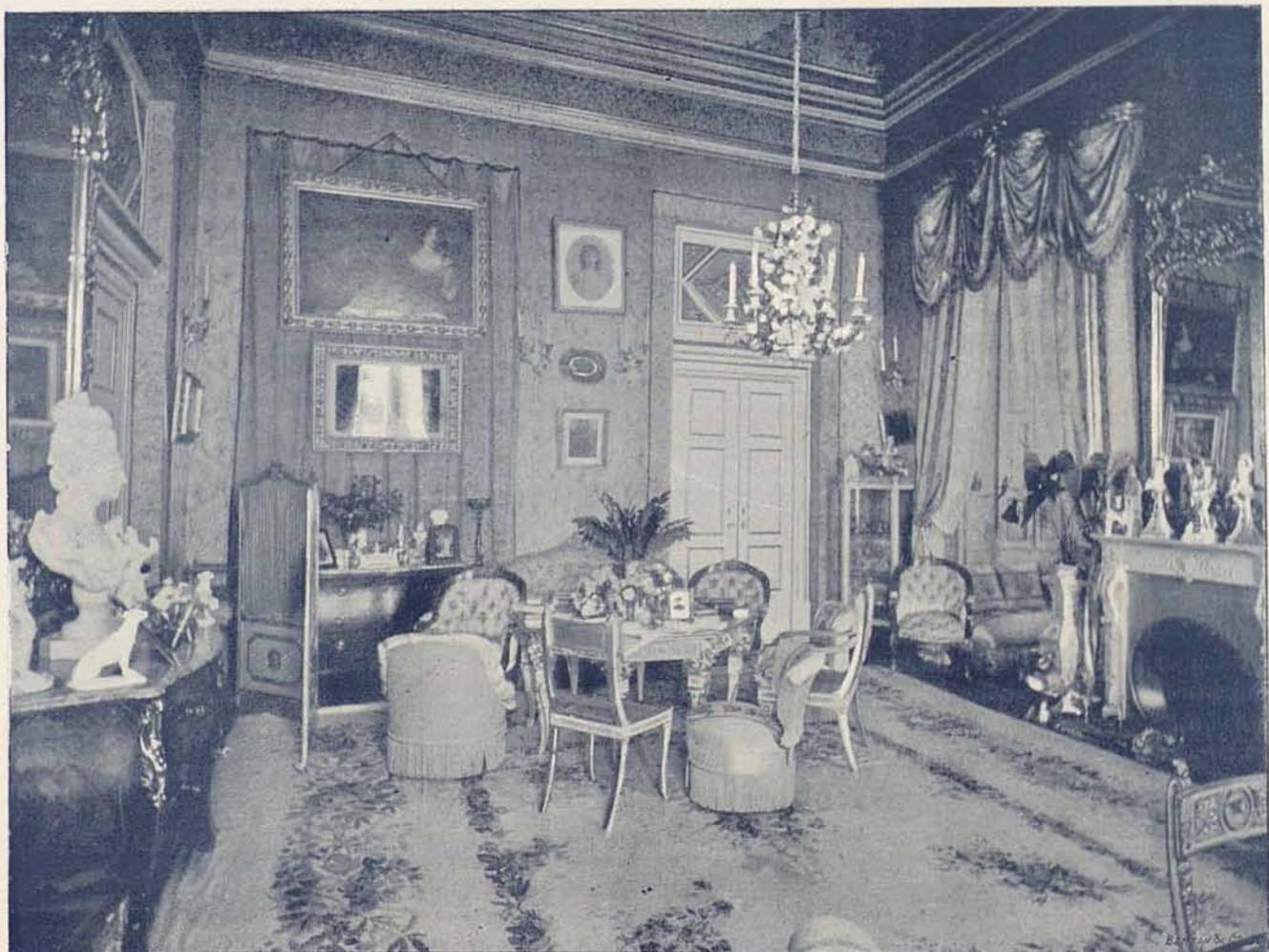


(Phot. do Ex. Sur Marquez do Fayal.)
S. M. A Rainha em traje alemtejano e a cavallo.

creanças pobres, e cujo fecundo exemplo vae alastrando por Portugal adeante, á semelhança da piedosa insti-

tução das misericórdias com que a Rainha D. Leonor dotou tão beneficentemente o seu paiz. Quereríamos falar do dispensario no presente numero e dar uma ideia do que elle seja, mas a escassez do espaço não consente que agora mais minuciosamente explique aos leitores como funciona esse interessante estabelecimento, de que mais tarde nos occuparemos na *Revista* e onde muitas manhãs a Rainha assiste pessoalmente aos curativos, e não poucas, vestindo o avental, ajuda nas operações e trabalhos cirurgicos. Foi talvez do cumprimento d'essa missão, mais de Irmã de Caridade consoladora do que de medica pratica, que nasceu a lenda hoje corrente nos jornaes de todo o mundo, que affirma que a Rainha de Portugal segue um curso de medicina.

Esse grau de bacharel não é necessario para o seu difficil officio de reinar. Não de reinar com attribuições concedidas pela carta constitucional, que essas, as politicas, não as invade ella, e discretamente se conserva alheia a luctas de partidos, mas para a espinhosa empreza de conservar no throno um lugar util e proficuo ao seu paiz e á instituição que representa.



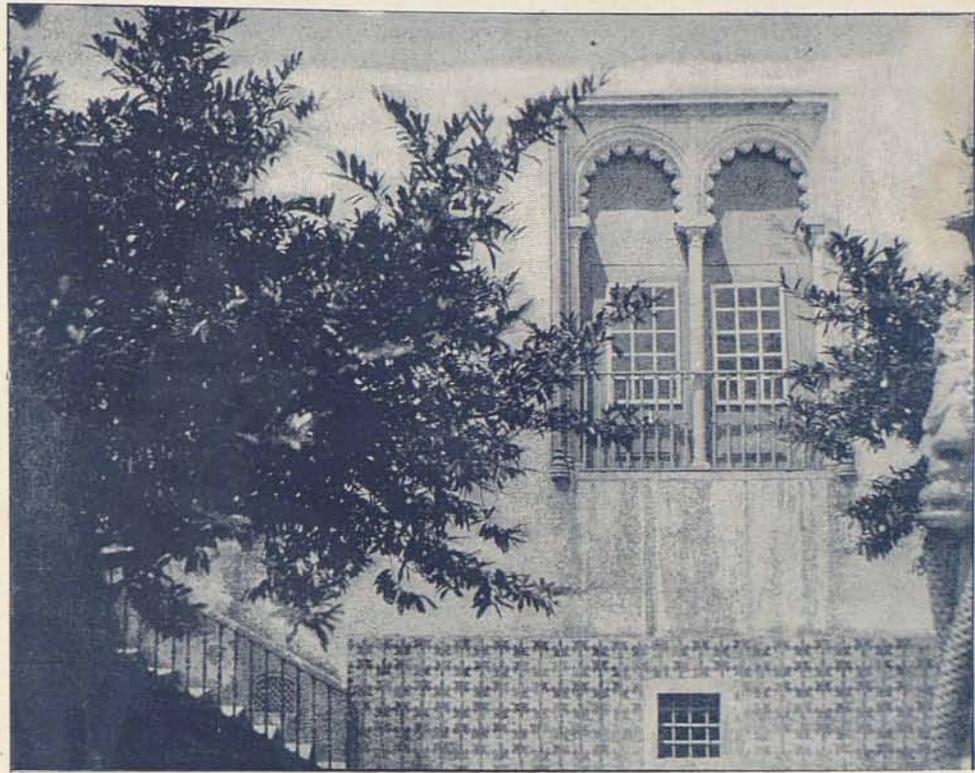
PAÇO DAS NECESSIDADES. — A Sala Branca de S. M. A Rainha.

como chama e acolhe homens de todas as proveniências políticas ás comissões que nomeia ou preside, seja na direcção do Instituto Ultramarino, seja em qualquer das muitas instituições que protege.

* * *

Das fadigas d'esta vida de trabalho e para contrabalançar a despeza de forças Moraes que se gastam com usal-as tão intensivamente, procura por vezes os dois refugios que para ella representam, na Pena, a poesia do ninho de aguias a que se compraz alar-se, e o regalo solarengo das salas brigantinas de Villa-Viçosa, das coutadas ducaes, que, duqueza de Bragança ainda, percorreu a galope nas manhãs transparentes de inverno, das tapadas extensas onde os gamos e veados correm pelas verdes encostas povoados de azinheiras.

Quem quizer dar em quadro completo o retrato da



Castello da Pena. — Janella arabe.

(Phot. de S. M. El-Rei.)

Rainha de tamanho natural, ha de pintar-lhe no fundo, não só a elegante silhueta da Pena com a sua torre quadrada recortando-se deante da serra de Cintra, sobre as chapadas de verdura d'onde emerge o phantastico castello,



S. M. A Rainha em traje alemtejano guiando seo carro a quatro cavallos.

(Phot. do Ex.º Sr Marquez da Freiteira.)

como a sala dos Duques em Villa-Viçosa, ou o convento das Chagas daquela villa, onde as freirinhas, suas devotas, a rodeiam, e, melhor ainda, as tapadas onde tão de molde se harmonisa o traje alemtejano que usa para montar os cavallos peninsulares, com a dextreza que todos conhecem. É a equitação o seu sport favorito.

Quem ha annos a viu firme na sella, e flexivel nos movimentos, e no dobrar da cinta jogar a Rosa com sua irmã, hoje Duqueza d'Aosta, no Real Picadeiro do Paço de Belem, assistiu por certo ao mais gracioso, ao mais bello, ao mais interessante espectáculo que um amator de equitação pôde imaginar.

E se o marquez de Marialva entrasse n'esse momento, montado no seu cavallo amestrado em alta escola, de tricornio emplumado, e grã-cruz de Christo sobre a casaca de seda, curveteando sabiamente, como o figura a classica obra da « Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavallaria », de Manoel Carlos d'Andrade, mestre dos picadores, n'aquelle mesmo recinto, theatro das suas glorias, desvanecer-se-hia, por certo, com o vêr que a sua arte dilecta era tão elegantemente cultivada por duas Princezas tão gentilmente intrepidas.

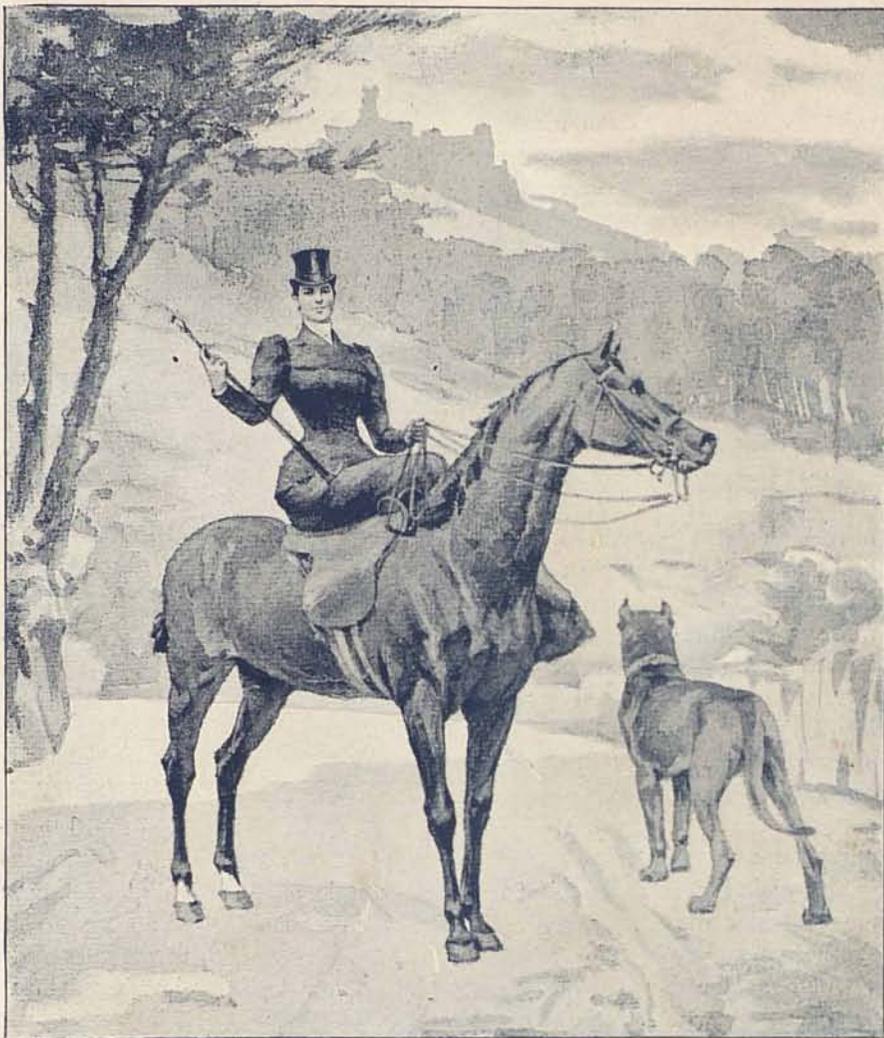
* * *

A quem estranhar que esta serie de impressões seja demasiadamente indiscreta, ou em excesso pormenorizada, explicarei que, desejando a *Revista* apresentar alguns esclarecimentos com as gravuras que acompanham o retrato da Rainha, e encarregando-me de lh'os fornecer, eu, por meu turno, á falta de outras fontes, fui colhelas á informação d'um sacristão das reaes capellas, meu

companheiro de cavaco, á noite, na botica, e a uma velha açafata minha comadre.

Ora, toda a gente sabe, que nada ha mais indiscreto do que a bisbilhotice d'aquelle thuriferario linguareiro, e ninguem mais tagarella do que a minha comadre cuvilheira.

FERNANDES CEZAR.



Retrato de S. M. A Rainha.

(Croquis de Salgado copia do quadro do mesmo autor.)



PALACIO DE VILLA-VIÇOSA

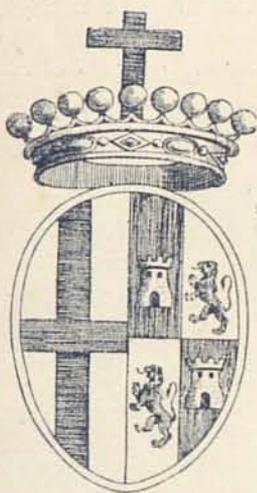
(Phot. de S. M. El-Rei.)

As Rainhas de Outrora

A « REVISTA MODERNA » julgou que seria interessante, n'este seu numero em grande parte votado á graciosa Magestade da Rainha de Portugal, evocar das sombras do passado algumas das soberanas que reinaram sobre Portugal nos oito seculos da duração da sua Monarchia.

Destacamos as rainhas que, em cada um desses seculos, estavam no throno no respectivo millesimo de 98, desde o seculo xi até ao seculo passado. Este millesimo de 98 é, em alguns seculos, dos mais felizes para Portugal. Se no seculo xv cabe elle no Reinado Venturoso de D. Manuel e nelle se realisa a descoberta da India, no seculo xiii é Rainha a Santa Isabel e no seculo xiv a illustre Phillipa de Lancastre, mãe da geração inclita de Aviz.

1098



NESTA data o Conde D. Henrique formava o reino de que havia de ser mais tarde Rei seu filho Affonso Henriques, e que então era só o territorio entre o Minho e o Tejo, territorio pequeno e estreito e por toda a parte infestado de Mouros. Quando havia treguas viajava e peregrinava. Em 1098 acompanhado de D. Tareja... « cum uxore mea formosissima Tharasia... » foi a Santiago de Compostella e depois a Toledo, côrte do seu sogro. Preparava a sua ida á Terra Santa donde voltou em 1104.

Não ha retrato authenticico de Thereza. O marido chamava-a, nos actos publicos « formosissima » e « dulcissima ». O auctor da Vida de S. Geraldo, diz : « Venusta Regina Tharasia ».

Servio esta belleza para o seu governo, durante a ausencia do marido, ou depois da sua morte, governo que foi astuto e forte no meio das desencadeadas agitações? Governou admiravelmente e não amou com menos força nem com menos dedicação aquelle a quem amou. Sobre o numero e o modo desses amores disputam os eruditos.

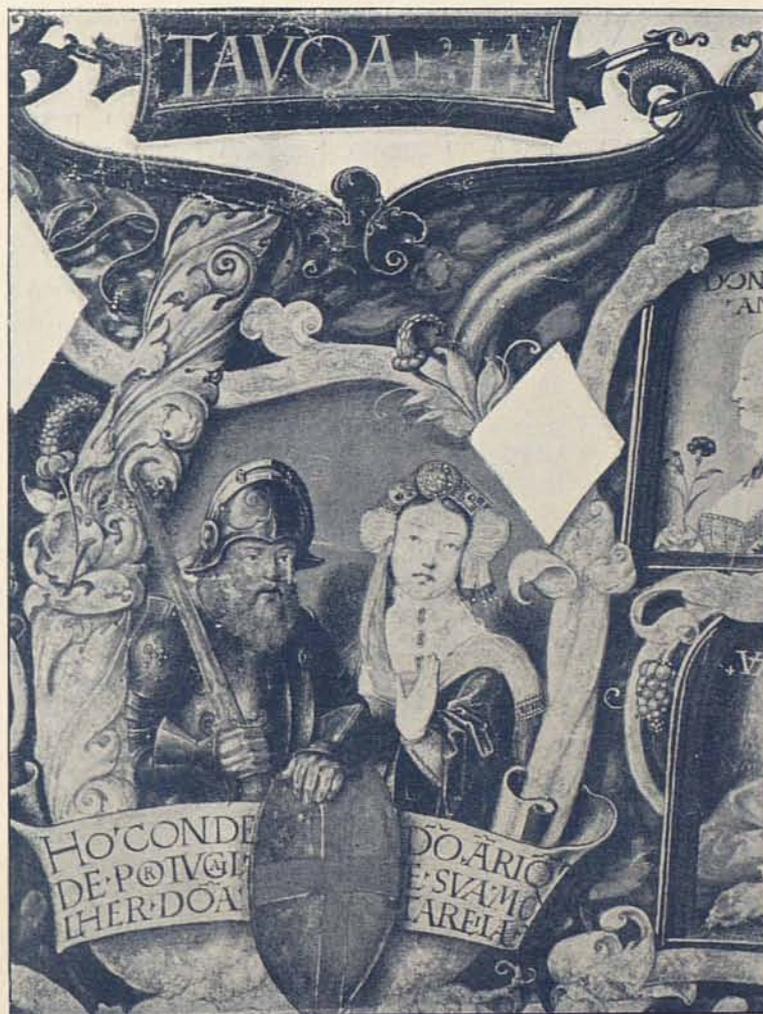
Sobre o velho castello de Guimarães hoje vestido d'heras e rodeado de grandes arvores paira a sombra tragica d'aquella forte amante e forte mulher a quem o povo chamou rainha espontaneamente como mais tarde chamaria rei o filho vencedor.

O homem que mais conheceu e adivinhou e sentio aquelles rudes tempos, Herculano, a quem Anthero do Quental chamava o *ultimo godo* escreveu de Dona Tareja :

« Com olhos enxutos e animo de ferro, a filha de Affonso VI tinha vivido, durante dezaseis annos, quasi sempre nos campos de batalha, nos

arraiaes juncto aos castellos cercados, ou encerrada n'estes defendendo-os. Com olhos enxutos e animo de ferro, tinha visto varias vezes as rotas dos seus homens d'armas, e tinha fugido com elles; assistira a muitas scenas de carnificina; ouvira muitas vezes, pela alta noite, na tenda de guerra, gemidos de moribundos, e o uivo do lobo descendo das brenhas guiado pelo cheiro do sangue; mas nunca sentio coar-lhe pelas veias o terror ou o desalento : sua alma era de guerreiro ».

NOTA. — O retrato de Dona Tareza que a *Revista* reproduz juncto com o do Conde D. Henrique, não tem, está claro, authenticidade alguma. É do seculo xvi e é a photographia de um fragmento da Taboa 1ª da celebre collecção de retratos portuguezes que Damião de Góes, quando esteve em Flandres, mandou fazer por Simão Bening ou Benic, de Bruges, o grande miniaturista do seculo xvi, discipulo de Girard Horebout com quem trabalhou no celebre breviario Grimani que está na bibliotheca de São Marcos, em Veneza. Simão Bening fez ou dirigio este trabalho, feito talvez em Inglaterra onde viveu por longos annos; é possivel que sua filha Lavinia, tambem miniaturista collaborasse n'essa collecção de retratos de reis portuguezes, que segundo a encommenda de D. Fernando, filho de Dom Manuel, a Damião de Góes devia ser uma verdadeira arvore genealogica dos ascendentes e descendentes dos reis de Portugal, desde Magog, neto de Noé, até Dom Manuel !



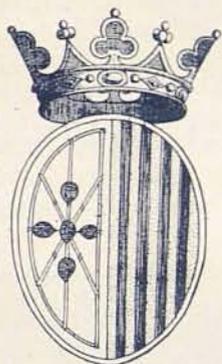
É uma collecção de folhas de pergaminho estendidas sobre laminas de chumbo, forradas de marroquino. As illustrações são das mais bellas que se conhecem e o British Museum conta-as entre as suas mais ricas preciosidades.

Pela chronica de Damião de Góes sabia-se da execução desta obra prima da arte do seculo XVI, tão preciosa para Portugal. O sr. Figanière foi talvez o primeiro portuguez que a examinou em Londres onde figura no British Museum, no catalogo dos mss. sob nº 12,531, donde foi tirada a photographia que a *Revista* reproduz.

As *Taboas* de Simão Bening foram compradas em Portugal por M. Neuton Smith, addido da Legação Britannica por quarenta libras esterlinas e por elle vendidas ao British Museum por 600 libras.

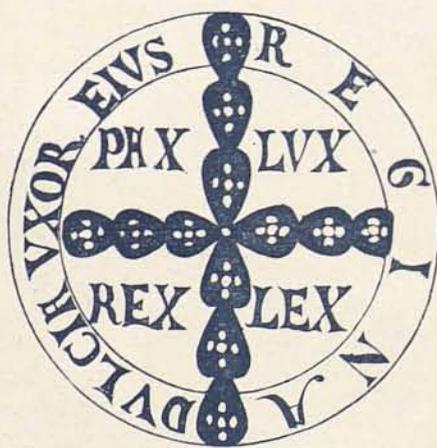
O brazão d'armas acima impresso, como os das outras Rainhas de que tratámos é tirado da obra de D. José BARBOSA, *Catálogo Chronologico, Historico, Genealogico e Critico das Rainhas de Portugal*. Lisboa, 1727.

1198



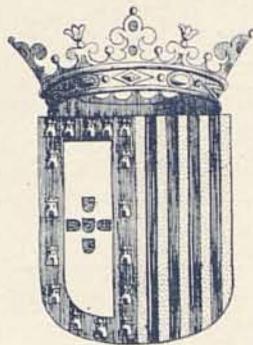
A rainha D. DULCE DE ARAGÃO, filha de D. Ramon de Berenguer, conde de Barcelona e de sua mulher D. Petronilha, rainha é das figuras mais vagas d'aquelles vagos tempos.

O seu nome figura nos documentos de Sancho I mas não a sua assignatura. Os reis e as rainhas nada assignaram nesse tempo. O rei fallava porem sempre, até ao seculo XIV em nome seu e da rainha associando-a a todos os seus actos. Sancho I, menos galante que o avô borgonhez não dá á mulher os epithetos de « formosissima » ou de « dulcissima » que recebia D. Tareja. Teve porem de Sancho I onze filhos, o que n'aquelles tempos



de bastardias rijas era, de certo modo, um cumprimento mais sensível do que os superlativos latinos dos pergaminhos. N'um destes pergaminhos resta-nos o sello de D. Dulce que tiramos da obra do Sr. Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal*, vol. I, p. 106.

1298

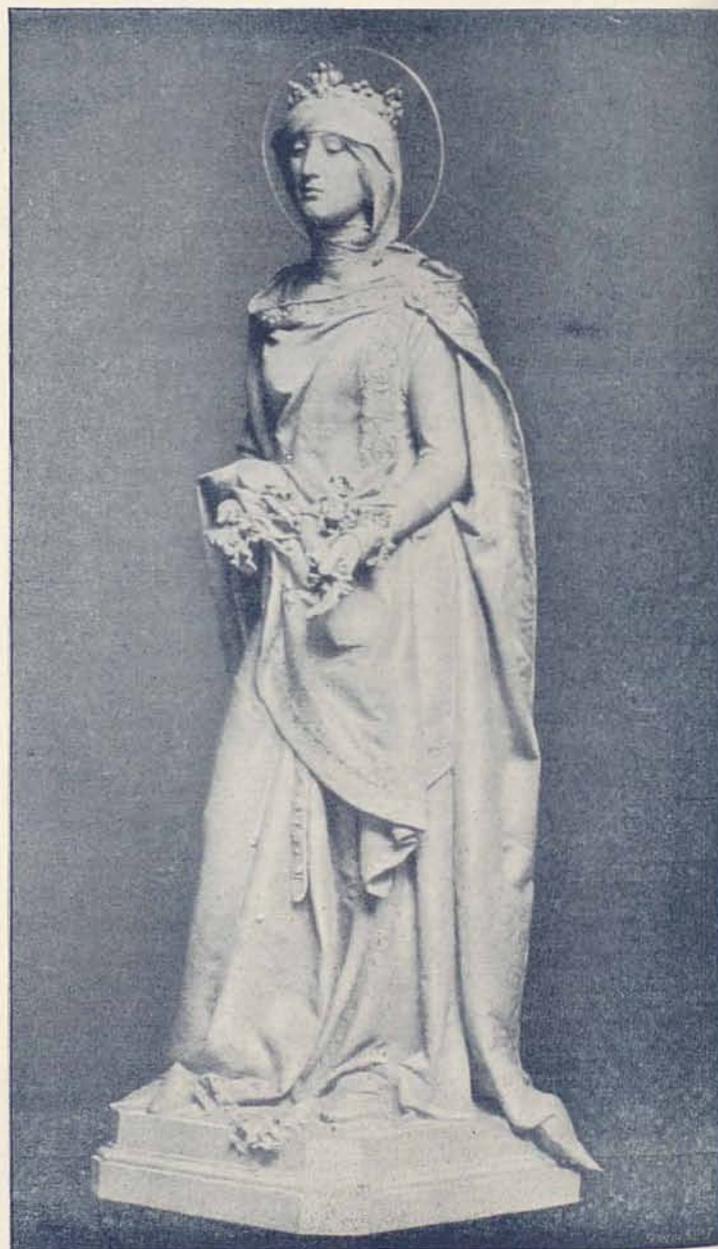


A RAINHA por excellencia, entre todas as rainhas por tuguezas, a rainha da poesia, da lenda e do milagre florescia n'esta data no throno de Portugal, ao lado de um rei e marido poeta que, o tempo não consagrado á galanteria e ao trabalho de governar e de la-

vrar a terra, costumava empregar em reprimir, em guerras, as revoltas armadas do filho, guerras que sempre acabavam pela reconciliação que a Santa promovia e conseguia.

A canonisação pelo da rainha Isabel pelo povo precedeu de muitissimos annos a canonisação pela Igreja.

E até hoje, na affeição popular, é ella sempre a Rainha Santa. Ha uns trinta annos foi moda negar os milagres desta como de todos os demais





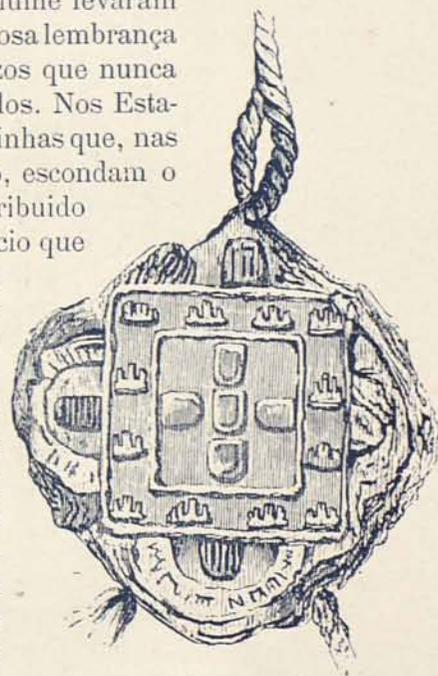
santos e santas da Corte Celeste. Herculano empenhou-se em demonstrar que Nosso Senhor Jesus-Christo não esteve na vespera de Ourique deante de D. Affonso Henriques; não sabemos se conseguiu provar o *alibi* do Salvador, mas os sub-Herculanos ficaram todos na obrigação de negar os milagres que o povo e os poetas e os artistas, decerto mais intuitivos e verdadeiros que os eruditos, sempre acreditaram, cantaram e celebraram. Joanna d'Arc encontrou o bispo Cauchon que fez com que a queimassem viva. Santa Isabel, quinhentos annos depois de morta, encontrou um outro bispo iconoclasta, o dr. Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida, que lhe negou os milagres e a santidade. Ora em materia de milagres, como em tudo, deve haver uma certa logica. Quem não acredita em milagre nenhum é logico consigo mesmo negando este ou aquelle prodigio de um santo. Quem acredita n'um só milagre que seja, não pôde, com tanta pertinacia, negar este ou aquelle. A difficuldade, se difficuldade ha, está, em admitir o primeiro milagre.

Passado que seja esse, passam todos os outros. E demais, no dominio da lenda (e mesmo no da Historia!) a verdade subjectiva não é menos verdadeira do que a verdade objectiva. Ainda não está bem medida pela sciencia, a força creadora da

vontade e da crença. E porisso não estamos longe de acreditar, que um facto fortemente e longamente acreditado por multidões está mais perto de ser verdadeiro, do que um facto embora materialmente certo mas que ninguem sabe ou no qual ninguem acredita. É possível que Guilherme Tell não tenha vivido mas a sua existencia é, afinal de contas, muito mais importante e portanto mais certa do que a de qualquer individuo, nosso contemporaneo, que passa na sombra vaga da sua obscuridade. O milagre das moedas que, por uma manhã de inverno, se tornaram em rosas no regaço de Santa Isabel que assim occultou a vista mas não o perfume da sua caridade, é pois muito mais verdadeiro do que o prodigio dos ministros da fazenda que, em nossos dias, têm tornado moedas de ouro em pedaços de papel. Quem já sabe hoje os nomes desses ministros? E Santa Isabel é a Santa, a Rainha do Milagre em todo Portugal. Aquella Rainha de celeste doçura levava socorro e pão aos prisioneiros e vio aquelle pão transformado em rosas. Isso era nos seculos XIII e XIV! Os milagres do nosso tempo tomam outra fôrma:

Logo depois da cerimonia do casamento de Miss Consuelo Vanderbilt com o duque de Marlborough, muitas carroças carregadas de flôres, partiram para os hospitaes e asylos de New-York. A decoração

floral da Igreja tinha custado 500,000 dollars! E foram mandadas aos pobres aquellas flôres, innocentes cumplices de uma cruel ironia! Na sua côr e no resto do seu perfume levaram aos infelizes a insultuosa lembrança de alegrias e de gozos que nunca tiveram os desgraçados. Nos Estados Unidos, não ha rainhas que, nas dobras do seu manto, escondam o pão da caridade distribuido na sombra e no silencio que o Evangelho quer. Os ricos a quem aproveita a revoltante injustiça dos odiosos monopolios industriaes e financeiros que tornam possiveis os Vanderbilts, n'aquella chamada democracia, trocam em flôres orgulhosas, os pães que diminuem da meza do pobre e, por uma ironia de incalculavel dureza, lh'os restituem em folhas mórtaes e em petalas murchas!

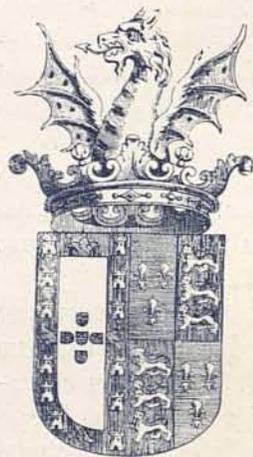


Porisso preferimos sempre ser monarchistas de Santa Isabel a ser republicanos de Vanderbilt!

NOTA. — A gravura que damos de um quadro representando Santa Isabel é reproducção de uma má gravura em madeira, da obra do sr. Benevides representando um quadro, copia de uma pintura do seculo xiv. Suppomos que esta copia que existia em 1878 e que o sr. Benevides diz pertencer a El-Rei Dom Luiz era reproducção da figura de Santa Isabel tal qual é representada n'uma vidraça da Cathedral de Colonia, que data do seculo xiv. A Municipalidade de Colonia offereceu este quadro a El-Rei. Infelizmente, porem, parece que esse quadro extraviou-se porque não foi possível á « REVISTA MODERNA » encontrá-lo em Lisboa para tirar delle uma photographia que daria uma melhor impressão do que a má gravura da obra do sr. Benevides. São desta obra as gravuras, o sello pendente de Santa Isabel e do cofre de prata onde estam os restos da Rainha Sancta.

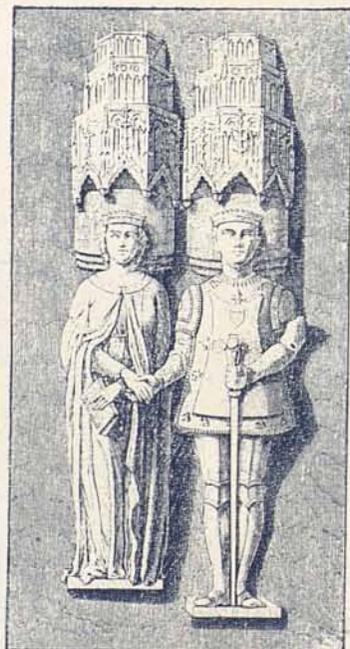
A gravura representando a admiravel estatua de Santa Isabel, por Teixeira Lopes, tiramol-a de uma bella heliogravura que vem na obra do sr. Conde de Moucheron: *Sainte Elisabeth d'Aragon, Reine de Portugal*. Paris, 1896.

1398



QUEM ha em Portugal, medianamente interessado pelas cousas patrias que não tenha lido as admiraveis paginas com que Oliveira Martins, abrindo o seu livro *Os Filhos de Dom João I* e seguindo os chronistas, descreve as scenas de que foi theatro o Porto no dia 2 de Fevereiro de 1387, quando Filipa de Lencaestre, montada n'um cavallo branco e toda vestida de panno

d'ouro, partio do Paço do Bispo para ir á Sé casar com Dom João I?



Era já aquillo o que se poderia chamar a « Alliança Inglesza ». Os fidalgos ingleses que vieram para o consorcio da filha de João de Gaunt com o Rei Portuguez e os seus soldados eram muitos. E estes ultimos, bebados, sahiram pelas ruas a fazer horrôres. No banquete real o mestresala foi o Condestavel.

E a nova Rainha inglesa começou a sua tarefa de civilisar a côrte um

tanto barbara. O casamento, graças á tolerancia larga das bastardias, tinha, até certo ponto, cahido em desuso e a Rainha incitou Dom João I a medidas protectoras d'aquella instituição.

Sob a sua influencia, toda a côrte casou por ordem real.

O retrato que temos de D. Filipa, tem apparencia de ser verdadeiro, embora a miniatura de Simão Benning fosse feita um seculo depois da sua morte.

É provavel que o proprio Van Eyck que esteve em Portugal em vida de D. Filipa e que pintou o retrato de Dom João I que está em Vienna, fizesse o da Rainha e que este servisse á Simão Benning.

Como se vê da reproducção que a « Revista » publica da miniatura do British Museum, o typo da rainha que, em 1398, reinava em Portugal é bastante inglez. Sabe-se que era branca e loura, de olhos azues e porte modesto e de um trato affavel e que, graças a ella, se tornaram mais polidas a linguagem e as maneiras da sociedade da sua epoca. N'aquella data já tivéra seis filhos... E que filhos não foram os seus!

Applicado a D. Filipa de Lencaestre o proverbio que manda julgar a arvore pelos seus fructos — a sua gloria é sem rival entre as rainhas de toda a Historia. Das suas entranhas sahio com que en-

*Logo entreje e loyal
over p. best.*



cher de nobreza e de heroicidade, todo um seculo. A gloria desse seculo é, pois, até certo ponto, gloria sua. O heroismo ella transmittio-o no sangue aos seus filhos e durante toda a sua vida o seu exemplo e as suas lições foram admiraveis e assim foi até ao momento da sua morte. Foi então que, entre a Rainha moribunda e o Rei que já tinha tudo prompto para a empreza de Ceuta, se travou aquelle sublime dialogo que Fernão Lopes nos conservou.

A Rainha, já sentindo a morte que se acercava, pensava na guerra para a qual nas caravellas e

Isabel

fústas já armadas no Tejo, iam partir o marido e os filhos. E perguntou ao Rei :

— Que vento sópra?

— Guião do Norte...

E depois de um silencio :

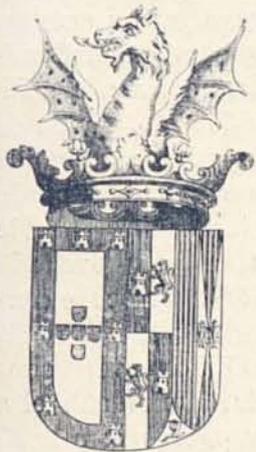
— Gostava de vêr a façanha!...

— Do céu a vereis, Senhora!...

NOTA. — A assignatura e as linhas da letra de D. Filipa são tiradas da obra do sr. Benevides e de uma Carta da Rainha ao rei Henrique IV de Inglaterra.

O retrato é reprodução da miniatura de Simão Benning : As estatuas tumulares de D. João I e da Rainha na Batalha, é da obra de Benevides que o reproduzio de Murphy *Views of the Church of Batalha*.

1498



DONA Isabel, filha dos Reis Catholicos Fernando e Isabel, recusou casar com o Imperador Maximiliano preferindo-lhe o Infante dom João, filho primogenito do rei de Portugal D. João II. Os embaixadores portuguezes foram buscal-a a Sevilha onde receberam a Princeza entre immensas festas que o cura de los Palacios conta, n'uma narração celebre, verdadeiro sonho de tercio pe-

los ouros, escarlatas e brocados.

O marido sobre quem o Principe Perfeito, seu pae, edificára todo um grande projecto de grandezas e sobre cuja cabeça devia um dia talvez assentar a corôa de Portugal reunida á de Hespanha morreu de uma quêda de cavallo e D. João II vio o seu cadaver trazido envolto n'uma rêde de pescar. A dôr do Rei foi terrivel, o pesar do povo immenso e F. Alonso de Salvatierra, no *Carro de las Donas* conta-nos o pathetico e tragico desespero da Princeza. Os reis Catholicos, seus paes, tiveram de lhe mandar uma embaixada de Bispos e de Theo-

logos para chamal-a á resignação. Mais tarde, quando a Dom João II succedeu Dom Manuel, foi necessaria toda uma campanha para decidil-a a casar com o Rei Venturoso. Em 1498 vieram a nova rainha de Portugal e o rei a Toledo, onde foram jurados herdeiros das corôas de Castella, Leão e Aragão, mas no mesmo anno morreu a Rainha de Portugal em Saragoça ao dar luz ao unico filho que teve.

O *Carro de las Donas*, descrevendo as virtudes e excellencias desta Princeza diz... « Fué dotada en los bienes de natura, de excellentissimo ingenio y gran saber... que, quando sus padres tenian algun consejo arduo, siempre, su consejo y parecer era muy estimado de todos quantos alli estaban »,

Está enterrada no côro dos religiosos do mosteiro de Santa Isabel de Toledo.

O retrato que ora publicamos é tirado da obra de Carderera y Solano, Estampa LXI. Esta Estampa colorida é tirada de um quadro, o n.º 551 do Museo del Prado em Madrid, de que representa a Virgem, Santo Thomaz, S. Domingos, São Pedro de Verona, os reis Catholicos, o principe Dom João, e a então infanta Dona Isabel.



Este quadro é attribuido por uns a Fernando Gallegos, o Durer hespanhol e por outros, com mais probabilidade, ao celebre Pedro Berruguete. Tudo induz a crer que o retrato de D. Isabel, rainha de Portugal é authenticico como os demais.

A rainha de Portugal está representada ajoelhada ante a Santa Virgem. Eis como Carderera descreve este retrato :

« Una rica joya brilla en su frente, y la trenza de su larga cabellera de un rubio subido, se ve recojida en una funda de seda blanca liada por cordoncillos azulados. Adorna su garganta un ancho y rico collar afiligranado : trae un brial de brocado de oro y flores de seda verde, cuyas mangas solo visten la parte anterior de los brazos : en la parte anterior de estas se descubre la camisa simulada, con abundantes pliegues y recojida en cinco trechos por otros tantos cordones que se atan en la hoja manga del brial. Sobre esta ropa viste la Princesa un tabardo rozagante, color carmesi encendido, abierto por detraz hasta cerca del talle, ceñido este con faja de seda blanca. Una orla de pedreria guarnece el modesto escote de la Princesa. Sus mangas abiertas y forradas, asi como todo el vestido, con damasco blanco, son notables por su longitud y parecen hechas con dos bandas, que, abriendose junto al hombro, caen, con pintoresco efecto, flotantes hasta los piés. Una banda de la manga derecha aparece tirada sobre el hombro correspondiente. Muy airosa y feliz es la disposicion de estos ropajes, ya por la especiosidad de aquellos en las partes iluminadas, ya por la caprichosa ondulation y caidas de la manga y orlas de todo el curioso quanto extraño traje de esta Princesa ».

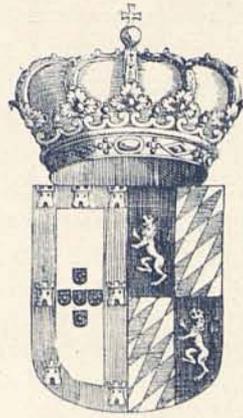
NOTA. — A « REVISTA MODERNA » agradece ao grande artista hespanhol Pradilla, director do Museo del Prado, as esplendidas photographias que lhe enviou deste celebre quadro e do personagem de que nos occupamos. Infelizmente, porem, chegaram ao ir para o prêlo este numero e por isso tivemos de nos contentar com a reproducção da estampa de Carderera que obtivemos da Bibliothéque Nationale, de Paris.

1598

N'este anno Portugal não tem rainha. O rei hespanhol que, segundo a sua phrase celebre, herdára, comprára, pagára, e, para tirar duvidas, conquistára o Reino, Philippe II, morria nesse anno, viuvo pela quarta vez, pela morte da sua ultima mulher D. Anna d'Austria, em 1580.

Philippe III d'Hespanha que lhe succedeu, só no anno seguinte casou. A peste devastava Lisboa em boa parte arruinada pelo terremoto de 1597 que, alem de outros damnos, atirou trez ruas de casas ao Tejo. Aquelle fim de nacionalidade, fim de reinado e fim de seculo parecia o fim de tudo.

1698



N'ESTA data é Rainha de Portugal uma alleman, Maria Sophia Isabel, filha do eleitor Palatino do Rheno, Philippe Guilherme de Neubourg. O rei Dom Pedro II, viuvo de Maria Francisca de Saboia, cedera, havia onze annos, ás instancias do Conselho de Estado e a Princeza do Rheno, deixando as maravilhas do castello famoso de Heidelberg

que d'alli a pouco iam os francezes reduzir a ruinas, partio para a Hollanda e d'alli, n'uma esquadra ingleza, para Lisboa onde chegou a 11 d'Agosto de 1687, sendo a bordo comprimendada por uma deputação da nobreza e ouvindo um discurso, em cinco linguas, recitado por Dom Francisco, filho primogenito do Conde da Ericeira. Ao que dizem os contemporaneos, a rainha respondeu nos mesmos idiomas isto era, latim, francez, italiano, hespanhol e portuguez. Ficou ainda a rainha, como alleman, com a superioridade do allemão que não servio á nobreza. Acabados os discursos, chegou El-Rei, vindo n'um rico bergantim de obra de talha dourada, muito custosa, e camara guarnecida de vidraças, toldo, cortinas, estofos e alcatifas, tudo de setim e ouro e o patrão e remeiros vestidos de encarnado e ouro. A rainha vestia de brocado de ouro e prata constellado de diamantes. Veio para terra, desembarcou na Casa da India donde passou á Capella Real, onde, toda de encarnado e d'ouro, a esperava para a saúdar, a Princesa Isabel que ia sêr sua enteada. Casamento, ricos coches, tourada, luminaria e, á noite fogo de artificio no Tejo dirigido pelo Conde de Ericeira, que, pela manhan, organisára o fogo de artificio polyglotta dos discursos do filho, a bordo da não ingleza. Grande organisador era o Conde da Ericeira! Em nossos dias seria aproveitado para commemorações, recepções de heróes, e centenarios diversos.

Alta, delgada, loura, com os olhos esverdeados e vivazes, era muito instruida, muito affavel e esmoler, dando de comer aos pobres com suas mãos e lavando-lhes os pés. Poucas vezes os Cortezãos a viam. Este retiro entristeceu a Côrte. Reinava em França Luiz XIV, já sombrio e já começára o reinado austero da Maintenon. A rainha D. Maria Sophia adoptára o seu rijo penteado e a devoção levava-a á mesma reclusão.

Antes da embaixada official que fôra a Heidelberg pedir a mão de Maria Sophia e fazer uma larga distribuiçãõ de brilhantes por toda aquella Côrte rhenana accostumada até então ao brilho mais modesto e cheio de cor local, dos *cailloux du Rhin* e dos discretos topazios — fora uma embaixada secreta e medica. Chegára a Heidelberg

1798

Havia n'esse anno em Portugal uma rainha mas era só uma sombra. D. Maria I, desde 1792, tinha perdido a razão e governava por ella o Principe D. João. « Se em 1792 ainda vivia a Soberana para os nossos corações » diz José Bonifacio « já não vivia para o Estado ».

Do que tinha sido na sua mocidade dá uma idéa o mesmo José Bonifacio :

« Deu-lhe a natureza hum rosto bello, um porte esbelto, e magestoso, huma fronte larga e aberta, que indicava a serenidade da sua alma, e os talentos da sua mente; huns olhos perspicazes, mas meigos e cheios de bondade; um rizo modesto mas ao mesmo tempo gracioso. E era tal a harmonia do seu todo, que parece que quando assim o formou a natureza, pedira emprestado á Arte o seu compasso. Neste bello domicilio morava huma alma ainda mais bella, a quem a Divindade dotará com esméro e profusão, concedendo-lhe um engenho subtil, uma comprehensão aguda, huma memoria prompta em receber, tenaz em conservar.

A Rainha D.

Não de balde diz Platão que nunca jamais se encontra, em corpo bello, alma disforme; porque, segundo elle, isto envergonhára á geometria da Providencia.

« Ella despeja horriveis carcereis de milhares de infelizes; chama á Patria os desgraçados e durante o seu reinado pouquissimos foram os justicados, louvor este que pertence á ternura maternal do seu coração. »

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA : Elogio Academico da Snra D. Maria I.

*NOTA. - Este retrato é reproducção da gravura do 2º vol., pag. 180 das *Rainhas de Portugal* do sr. Benevides. A assignatura vem no mesmo vol., pag. 196 e 197.

READER.

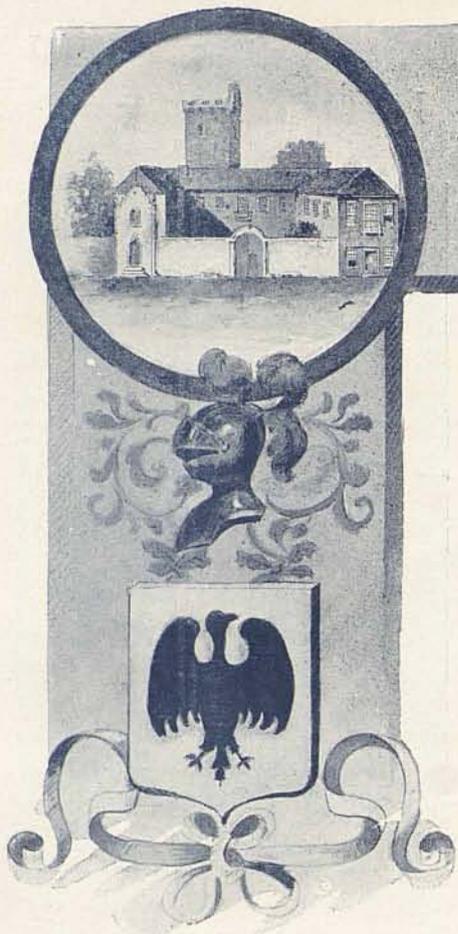


La Reine de Portugal
Soeur de l'Imperatrice de La Reine d'Espagne et de l'Electeur Palatin

o medico portuguez, mandado por Dom Pedro II, o doutor Antonio de Freitas Branco a fim de se informar particularmente da saude da Princeza. Ou o medico se enganasse ou o clima de Lisboa não conviesse á Rainha, foi esta sempre muito doente. A unica prova de saude que ás vezes dava consistia em mudar de doença, tendo um filho para descansar. Teve sete. Isto porem não contribuia para alegrar a Côrte.

A gravura que, a « *Revista Moderna* » hoje dá de um seu retrato é a reproducção de uma gravura do tempo que está na Bibliothéque Nationale de Pariz. São a distincção e a elegancia mesmas aquellas maneiras que se adivinham no retrato; a rigidez é atenuada pela paizagem graciosa do fundo e as finas mãos longas têm, entre os dedos, uma flor tirada do pequeno açafate florido pousado sobre o sophá. Um pé finissimo avança de baixo da fimbria do vestido de brocado e no rosto, onde algumas *mouches* se mostram, ha a finura de um doce sorriso.

A Rainha D.



a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 12.

A SALA de jantar da Torre, que abria por trez portas envidraçadas, para uma funda varanda coberta, conservava, do tempo do avô Damião, traductor de Valerius Flaccus, duas tapeçarias d'Arroz representando a *Expedição dos Argonautas*, um immenso ar-

mario de vidraças recheiado de louças da India e do Japão, agora desirmanadas, e o aparador de marmore, onde brilhavam os restos, ainda ricos, das pratas famosas dos Ramires. Mas Gonçalo, de verão, almoçava e jantava sempre na varanda alpendrada que elle esteirára e guarnecera de moveis ligeiros de bambú e junco, para não esmagar, nos finos azulejos dos muros, os airosos ranchos de Fidalgos, monteando e folgando.

Quando lá entrou, com os jornaes da manhan, que não abriera, já o Pereira o esperava, apoiado sobre um immenso guarda-sol de panninho escarlate, considerando profunda e pensativamente a quinta que, d'alli, se abrangia até aos pallidos álamos do riacho do Coice e aos outeiros suaves de Valverde. Era um velho esgaldado e rijo, todo ossos, com um carão moreno, de olhos miudinhos e azulados, e uma barbicha rala, já branca, entre dous enormes collarinhos presos por botões de ouro. Homem de propriedade, acostumado à Cidade e ao trato das auctoridades, estendeu rijamente a mão ao Fidalgo da Torre, e acceitou, sem cortezias, a cadeira que elle lhe empurrára para a mesa perfumada por um grosso ramo de cravos amarellos, transbordando, sobre os dous talheres, d'uma jarra da India, rachada, timbrada com o Açôr dos Ramires.

— Então, que bom vento o traz pela Torre, Pereira amigo? Não tenho a dita de o contemplar desde... Desde quando? Desde Julho!

— É verdade! Desde aquelle sabbado da grande trovoada na vespera da eleição, confirmou o Pereira, affagando o cabo do guarda-sol que conservava entre os joelhos, com cerimonia.

Gonçalo, n'uma esfaimada impaciencia do almo-

ço, repicára violentamente uma campainha de prata. Depois rindo :

— E os seus votos, Pereira amigo, segundo o costume, lá foram para o eterno Sanches Lucena, direitinhos, direitinhos como os rios vão para o mar!

O Pereira tambem riu, com um riso agradaado, que lhe descobria os mãos dentes. Pois o circulo era como uma propriedade do Sr. Sanches Lucena! Cavalheiro de fortuna, homem de bem, conhecedor, serviçal .. E então, quando lhe calha, como em Julho, o apoio do Governo, nem Nosso Senhor Jesus Christo que voltasse á terra e se propuzesse por Villa-Clara, desalojava o patrão da Feitosa!

O Bento, vagaroso, de jaqueta de lustrina preta sobre o avental resplandecente, entrava com um prato d'ovos estrellados, quando o Fidalgo, que desdobraera o guardanapo, o arremessou, logo, amarrotado, com nôjo :

— Este guardanapo já serviu!... Eu estou farto de gritar. Não me importa guardanapo rôto, ou com passagens, ou com remendos... Mas branquinho, fresquinho cada manhan, a cheirar á alfazema!

Depois, reparando no Pereira, que, discretamente, arredava a cadeira :

— O quê! Você não almoça, Pereira?...

Não, agradecia muito ao Fidalgo, mas a sua gente ficara á espera, no casal, para as sopas e para o capão que n'essa tarde era festa pelos annos do netinho.

— Bravo! Parabens, Pereira amigo! Mas então ao menos um copo de vinho verde!

Tambem não, que, antes das comidinhas, só agua, e pouca, e da *Giesta*.

Então Gonçalo mirou, farejou, arredou os ovos. E quando o Bento, desconsolado, lhe annunciou tambem um « bifesinho de vitella com macarrão », franziu a face, reclamou o « jantar da familia », sempre, na Torre, muito farto e muito saboroso, e começando por essas pesadas sopas de pão, presunto e legumes, que desde creança, adorava e chamava as *palanganas*. Depois, barrando de manteiga um biscoito d'Avintes :

— Pois, francamente, Pereira, aqui entre nós, que ninguem nos ouve, esse seu Sanches Lucena não faz honra ao circulo! Homem excellente, decerto, respeitavel, obsequiador... Mas mudo, Pereira! Inteiramente mudo!

O lavrador roçou, vagarosamente, pelas ventas

cabelludas, o lenço vermelho, enrolado em bóla dura :

— Sabe as cousas, pensa com acêrto...

— Sim! mas pensamento e acêrto não lhe sahem lá de dentro do craneo! Depois está muito velho, Pereira! Que idade terá elle? Sessenta?

— A sessenta e dois. Mas de gente muito rija, meu Fidalgo! O avô durou até aos cem annos. E ainda o conheci na loja!...

— Como, na loja?

Então o Pereira, enrolando mais apertadamente o lenço, estranhou que o Fidalgo não soubesse a historia do Sanches Lucena! — Pois o avô, o Manoel Sanches, era um linheiro do Porto, da rua das Hortas. E casado tambem com uma moça muito vistosa, muito farfalhuda... Depois teve um menino, o Alexandrino; e tão bom padrinho lhe escolheu, que esse senhor (um fidalgo do Porto, do Mirante, Rodrigo Themudo Lucena), custeou todos os estudos do Alexandrino em Coimbra, e ainda o arranjou Delegado em Oliveira, e ainda lhe deixou em testamento vinte contos, em ouro do Reino. Depois o Alexandrino casou com a viuva d'um cerieiro de Braga, tambem comadre de boas carnes, e que tambem herdára d'um conego. Emfim, com a banca de advogado, e um giro seguro de dinheiro a juros, o Alexandrino, quando morreu, valia o miolo de cem contos!

— Bem! acudiu o Fidalgo, tudo isso é honroso para o Sanches Lucena. Gente que engordou, que trepou... E eu concordo, Pereira, o circulo deve mandar a Lisboa um homem seu, como o Sanches Lucena, que n'elle tenha terra, raizes, interesses, nome... Mas é preciso que seja homem com talento, com inspiração, com arrojo!... Um deputado, que, nas grandes questões, nas crises, se erga, lance a sua idéa, transporte a Camara!...

E o Fidalgo atirou o braço por sobre a jarra de cravos, arrebatando assembléas! E, depois o Pereira amigo devia considerar que, em Politica, quem mais grita, mais abêcha... Assim a estrada da Riosa ainda continuava no papel, a lapis vermelho. E, se o Sanches Lucena fosse homem de se erguer em S. Bento, de bradar, já o Pereira trazia, por lá, os seus carros, muito segurinhos, a chiar.

O Pereira abanou a cabeça, na amargura d'aquella sua estrada da Riosa, ruidosamente promettida nas vespéras de cada Eleição, esquecida logo, no Domingo á tardinha, quando, esvasiadas as urnas, o Governo triumphava...

— Ah! talvez o Fidalgo acerte... Para essa estradinha da Riosa sempre faltou quem gritasse... O nosso Conselheiro é um bocadinho encolhido... Ah! talvez o Fidalgo acerte...

Mas o Fidalgo emmudecera, embebido na cheirosa sopa de grão, dentro da sua caçoila nova, com raminhos de hortelã. E então o Pereira, acercando mais a cadeira, cruzou no rebordo da mesa as mãos, que meio seculo de trabalho na terra tornára negras e duras como raizes, e declarou

que se atrevera a incommodar o Fidalgo, áquellas horas do almocinho, porque toda a semana andaria arredado n'um córte de madeiras, e desejava, antes que sobrevissem outros arranjos, conversar com S. Ex^{cia} sobre o arrendamento da Torre...

Gonçalo reteve a colhêr, pasmado para o velho lavrador :

— Você queria arrendar a Torre, Pereira?

— Queria conversar com V. Ex^{cia}. Como o Relho está despedido...

— Mas eu já tratei com o Casco, o José Casco, dos Bravaes! Ficámos meio apalavrados, ha dias... Ha mais de uma semana.

O Pereira coçou vagarosamente a barba dura. Pois era pena, grande pena... Elle só no sabbado, s'inteirára da desavença com o Relho. E, se o Fidalgo não resalvava o segredo, por quanto ficára o arrendamento?

— Não resalvo, não, homem! Novecentos e cinquenta mil réis.

O Pereira tirou da algibeira do collete a caixa de tartaruga, e sorveu detidamente uma pitada, com o carão pendido para a esteira. Pois maior pena, mesmo para o Fidalgo. Emfim! depois de palavra trocada!... Elle sempre mantivéra amizade com o Casco, homem serio... Mas era pena, porque gostava da propriedade; já pelo S. João pensára em abordar o Fidalgo; e, apezar dos tempos correrem escassos, não andaria longe de offerecer um conto e cincoenta, mesmo um conto cento e cincoenta!

Gonçalo esqueceu a sopa, n'uma surpresa que lhe afogueou a face fina, ante tal accrescimo de renda e excellencia de tal rendeiro, zeloso, abastado, com metal no banco, capaz de um adeantamento, e o mais fino amanhador de terras de todas as cercanias.

— Isso é serio, oh Pereira?

O velho pousou a caixa de rapé sobre a mesa, com decisão :

— Pois então eu era homem que me arriscasse a vir da Riosa á Torre, e com este calor, para caçoar com o Fidalgo?... Oh! meu senhor!... Proposta a valer, escriptura a fazer... Mas, se o arrendamento está tratado...

Recolheu a caixa, e apoiava a mão larga sobre a mesa, para se erguer, quando Gonçalo acudiu, alvoroçado, ainda vermelho, todo nervoso :

— Escute, homem!... Eu, quando contei que ficára apalavrado com Casco, não aclarei bem o caso. Você, comprehende, sabe como passam essas cousas... O Casco veio, conversámos... Primeiramente, concordou que sim; logo de seguida emendou, e que não... Voltou com o compadre; depois, com a mulher e o compadre, e o cão, e o afilhado; depois só. Andou ahi pela quinta, a medir, a cheirar a terra; acho até que a provou. Aquellas rabulices do Casco! A folhas tantas, já não queria... Mais adeante, zás, queria. Uma massada! Por fim, uma tarde, lá gemeu, lá acceitou os novecentos e cincoenta mil. Aperto de mão,

copo de vinho, tudo muito bem. Ficou de apparecer para combinar termos, tratar da escriptura. Não o avistei mais, ha quasi duas semanas! Naturalmente, já virou, já se arrependeu. Para resumir, não tenho com o Casco contracto firme. Foi uma conversa em que apenas se estabeleceu a base, a renda de novecentos e cincoenta... E aqui está. Ora, eu detesto cousas vagas. E já andava pensando em encontrar melhor homem!

Mas o Pereira coçava o queixo, desconfiado. Elle, em negocios, gostava de lisura. Sempre se entendêra bem com o Casco. Nem, por um condado, se atravessaria nos arranjos do Casco, homem violento. De modo que desejava as cousas claras, para não surdir desgosto rijo. Não se firmára escriptura, bem! Mas ficára, ou não, palavra dada, entre o Fidalgo e o Casco?

Gonçalo Mendes Ramires, que findára apressadamente a sopa, e enchia um copo de vinho verde, para se acalmar, fitou o lavrador, quasi severamente:

— Homem, essa pergunta!... Pois se eu tivesse dado ao Casco a palavra de Gonçalo Ramires, estava agora aqui, a tratar, ou sequer a conversar comsigo, Pereira, sobre o arrendamento da Torre?

O Pereira baixou a cabeça. Também era verdade!... Pois, n'esse caso, elle abria a sua tenção, claramente. E, como conhecia a propriedade, sabia bem o que esperava, offerecia ao Fidalgo um conto cento e cincoenta mil réis. Mas não dava para a familia nem leite, nem hortaliça, nem fructa. O Fidalgo, homem só, pouco se aproveitava.... A Torre, porém, casa antiga, enxameava de gentes, e d'adherentes. Todos apanhavam, todos abusavam. Emfim, esse era o seu principio. E trazia o mesmo arranjo com o Snr. Conde de Monte-Agra.

Emquanto ás outras condições, acceitava as do antigo arrendamento. E escriptura assignada, logo, no sabbado, em Oliveira, para fechar... Estava feito?

Gonçalo, depois de um momento em que pestanejou nervosa e tremulamente, estendeu a mão aberta ao Pereira:

— Toque! Agora sim! Agora é que fica palavra dada!

— E nosso Senhor lhe ponha virtude, concluiu o Pereira, firmado no immenso guarda-sol, para se erguer. Então no sabbado, em Oliveira, para a escriptura... Assigna V. Ex^{cia} ou o Snr. padre Sueiro?

Mas o Fidalgo calculava:

— Não, homem, não póde ser! No sabbado, com effeito, estou em Oliveira, mas são os annos da mana Maria da Graça...

O Pereira escancarou logo um vasto sorriso de estima:

— Ah! e como vae a senhora sua mana? Ha que edades a não vejo! Desde o anno passado, desde a procissão de Passos, em Oliveira... Muito boa senhora! Muito dada! Senhora que enfeitça

o mais duro! E o Snr. José Barrôlo? Bom? Ora ainda bem! Pessoa excellente tambem, a valer, o Snr. José Barrôlo.... E que terra a d'elle, a Ribeira-Fresca! A melhor propriedade d'estas vinte leguas em redor. Oh! linda propriedade! A do André Cavalleiro que lhe está pegada, a Portella, não se lhe compara — é como rocha ao pé de pão.

O Fidalgo da Torre descascava um pecego, rindo:

— Do André Cavalleiro nada presta, Pereira! Nem terra, nem alma!

O lavrador pareceu surprehendido. Elle imaginava que o Fidalgo e o Cavalleiro continuavam chegados e amigos. Não em politica! Mas, particularmente, como cavalheiros...

— O que? Eu e o Cavalleiro? Nem como cavalheiro nem como politico. Que elle nem é cavalheiro nem politico. É apenas cavallo, e resabiado.

O Pereira ficou silencioso, com os olhos na toalha. Depois, resumindo:

— Então está entendido, na segunda-feira, na cidade. E, se não faz transtorno ao Fidalgo, passamos pelo tabellião Guedes, e fica o feito arrumado. O Fidalgo, naturalmente, vae para a casa da senhora sua mana...

— Sempre. Appareça você ás trez horas.

— Ás trez, na segunda-feira. Palavra dada! E, agora, muito agradecido por todas as cousas e pela boa companhia, e tenha V. Ex^{cia} muito boas tardes...

— Então, nem um copo de vinho verde?... Um calice de vinho do Porto?

— Antes da comidinha, só agua e muito pouca, e só da minha bica da Giesta. Creado de V. Ex^{cia}. Ora essa! Então consentia eu que V. Ex^{cia}, se desarranjasse? Sei a escada. E ainda passo pela cozinha para avistar a tia Rosa. Já desde o tempo do paesinho de V. Ex^{cia}, que Deus haja, eu conheço bem a Torre!

Durante o café, olhando a quinta, Gonçalo gozou a excellencia d'aquelle negocio! Duzentos mil réis mais na sua renda! E a Torre tratada pelo Pereira, com aquelle amor da terra, aquelle saber de lavra, que transformára o chavascal do Monte-Agra n'uma maravilha de seára, vinha e horta. Além d'isso, homem abastado, capaz de um adeantamento... Arranjo precioso! E eis ahi mais uma evidencia do valor da Torre! Esse affinco do Pereira em a arrendar, elle tão cauteloso, tão experiente... Quasi se arrependia de lhe não ter arrancado um conto e duzentos. Emfim, a manhan fôra fecunda! E, realmente, nenhuma promessa o collava ao Casco. Entre elles apenas passára uma conversa, em these, sobre um arrendamento possivel, na base nova de novecentos e cincoenta mil réis. Depois, o Casco não voltára para esfiar, debater. E, emfim, seria insensatez perder o Pereira, por amor do Casco, um d'esses lavradores de rotina, que raspa toscamente a terra

para comer, e a deixa, cada anno, deperecendo, morticia e gasta...

— O Joaquim que tenha a egua sellada, lembrou ainda ao Bento, que entrava com a caixa de charutos. Às cinco para as cinco e meia, sempre vou á Feitosa... Hoje é o dia!

Accendeu o charuto, voltou á livraria. E, immediatamente, releu o final magnifico: « De mal com o Reino e com o Rei — mas de bem com a honra e commigo! » — Ah! como alli gritava a alma inteira do velho portuguez, no seu amor religioso da palavra e da honra! E, com a tira d'almaso entre os dedos, junto da varanda, considerou um momento a Torre, as fuscas fendas engradadas de ferro, as resistentes ameias tão inteiras, onde duas pombas, pousadas, se beijavam... Quantas manhans, ás frescas horas d'alva, o velho Tructesindo se encostára áquellas ameias, então novas e brancas! Toda a terra em redor, mattas e sementeiras, decerto pertencia ao robusto Rico-Homem. E o Pereira, n'esse tempo, um colono, um servo, só fallava ao seu Senhor, de joelhos e tremendo! Mas não lhe pagava um conto cento e cincoenta mil réis de sonora moeda do Reino. Tambem, que diabo, o vôvô Tructesindo não precisava. Quando os saccoes rareavam nas

arcas, e os acostados rosnavam por tardança de soldo, o leal Rico-Homem, para se prover, tinha as tulhas e as adéguas dos Concelhos mal defendidos, ou, n'uma volta da estrada, o ovençal voltando de recolher as rendas reaes, o bufarinheiro genovez com os machos carregados de trouxas bem cheias. E, sob aquella macissa torre, como lhe contára o papá, ainda se cavava a masmorra feudal, meio atulhada, mas com restos de correntes chumbadas ás lages, e o pôtro e a polé, onde ovençal e bufarinheiro, e até clérigos, e até burguezes de fôro, uivavam sob o açoite, ou no torniquete, até largar, arquejando, o derradeiro morabitino. Ah! Essa soberba torre, cantada docemente pelo Videirinha, quantos tormentos abafára! E até quantos choros espantados de mulheres, até de creancinhas... Seus pobres avós! Heróes sublimes — mas sombrios brutos!...

E de repente, com um berro, o Fidalgo da Torre agarrou de sobre a mesa um volume de Walter Scott, que atirou, sem piedade, como uma pedra, contra o tronco de uma faia. É que descortinára o gato da Rosa cozinheira, trepado, d'unhas fincadas n'um ramo, arqueando a espinha, para assaltar um ninho de melros!

(Continúa.)

EÇA DE QUEIROZ.

“ O MONSTRO ”

(NO ALBUM DE D. CHIQUITA JARDIM)

« Le ciel avec horreur voit ce monstre sauvage;
La terre s'en émeut... »

RACINE — *Phèdre*, act. V, sc. VI.

Quando eu morava na cidade baixa,
Gaturamo no fundo de uma caixa,
Ordenando as agruras em canções;
Perseguiam meus dias prazenteiros...
Bandos de albums ferozes, aos milheiros...
Bandos? Melhor disséra batalhões!

Eu mudava de casa de repente,
Sem avisar amigo nem parente
Com quem um album suspeitasse haver.
Conservava-me só, immoto e mudo,
Mas os patifes descobriam tudo
E quando eu mal pensava... iam lá ter.

De bairro em bairro andei, de viella
[em viella,
De rua em rua, em quartos sem janella,
E alapei-me em latibulos por fim.
Debalde! em vão! Como o ar que en-
[colte a Esphera,
Em toda a parie os tia á minha espera,
Em cima, em baixo, adeante, atraz de
[mim!

Finalmente, exgotada a ultima rua,
Não sendo facil ir morar na Lua,
Vin este monte altissimo habitar.

Ah, céu azul, frondiferas manguieiras,
Curvas do bambual, sombras fagueiras,
Ridente luz, que paz vou desfructar!

De albumphilos aqui não têm as loucas
Legiões, de albums abertos como bocças,
Como acerados dentes em acção...
Dentes, ou versos maus, que é tudo o

[mesmo,
Nas gengieas das paginas a esmo,
Fizos, como colmilhos de leão!

Ou como as presas do hispido e iracundo,
Do irifauce latrante do Orco immundo,
— Se esta comparação assenta bem:
Pois o Cão infernal tem tres cabeças
E aos liberrimos centos do mar largo,
Cada uma com a sua — mais de cem!

Aqui não sobem elles, os maldictos
Monstros zebrados deatros manuscritos,
Que os monstros todos têm horror á luz
E aos liberrimos centos do mar largo,
Que o fabuloso Pae do Oceano amargo
No amplo sopro da tarde nos conduz.

Aqui não sobem elles... Céus! que tejo?!
Foi do meu senso o ultimo lampejo

Que demudado e frouxo se apagou?
Será a razão que se transcia e perde,
Ou isto que está aqui — de capa verde,
É Album que estes pincaros galgou?

Nossa Senhora dos Desamparados!
Descontae meus innumerados peccados,
Tenho jus ás doçuras do porvir!
Pois até aqui, perto de vós, Senhora,
Juncto á abobada azul enganadora
Vém-me espantosos monstros perseguir?!

Mas, quem o conduzio das plagas rasas?
Elle não vinha por seu pé, sem azas,
Ter onde antes de alhures bate o Sol.
Isto foi obra de feitiçaria;
Só um demonio — ou anjo — m'o traria,
Ou phantasma embrulhado num lengol.

Ah! fostes vós, senhora, que estaes rindo
Do meu espanto, nesse gesto lindo
Que o Natureza gradiga vos deu?!
Não abuseis da vossa formosura:
Vate que dé dois tombos d'esta altura,
Suspirou, rouquejou, rugiu, — morreu!

Alto de Santa Thereza, 4 de Outubro, de 1897.

FILINTO DE ALMEIDA.

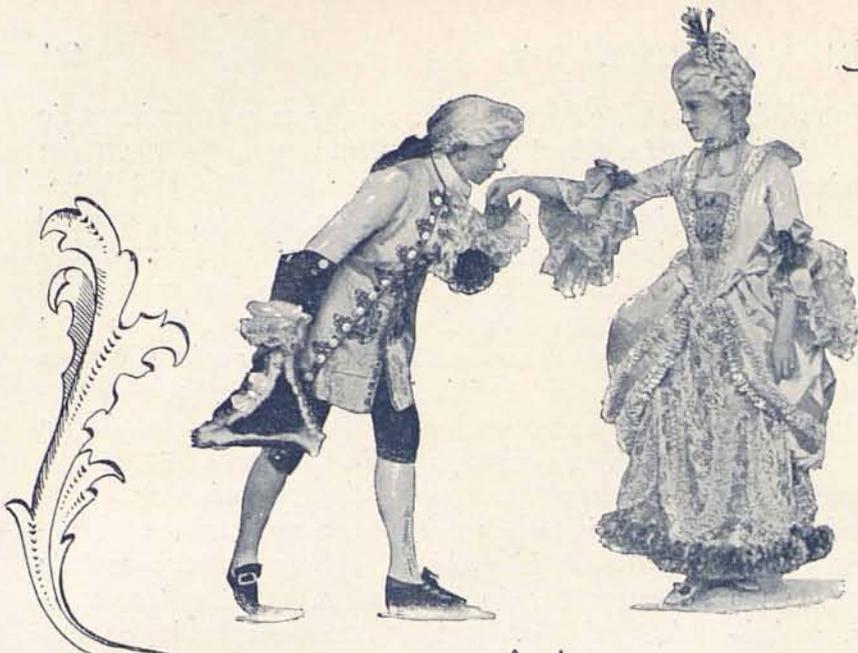
A Sua Magestade
A Rainha D. Amelia

Homenagem de profundo respeito

J. de Lacerda

Au
Temps

Poudré



Andantino - con spirito





Stesso tempo

II

Molto sost.to



FRANCISCO DE LACERDA.

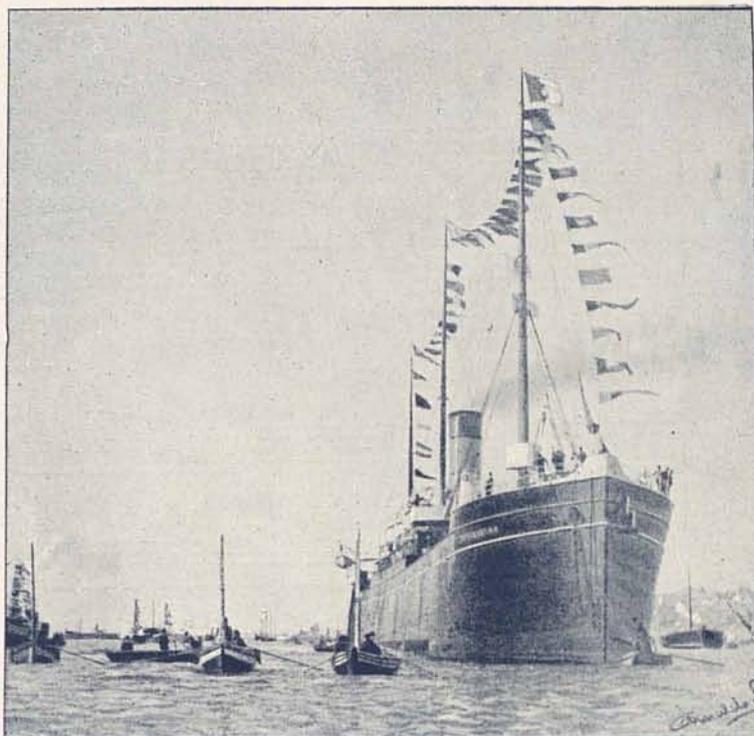
MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

No dia 11 de Dezembro, chegou ao Tejo, a bordo do paquete Penninsular, o major portuguez por distincção, Joaquim Augusto Mousinho d'Albuquerque, hoje Governador geral e commissario regio de Moçambique.

Era capitão de cavallaria e commandava o esquadrão expedicionario, quando em 26 de Dezembro de 1896, depois dos celebres combates de Manacuene, Magul, Cooltela, elle aprisionou audazmente o celebre Gunguhana, em Chaimite.

Depois d'esse arrojado feito que lhe valeu o ser nomeado grande official da ordem da Torre e Espada de Portugal e o ser condecorado pelo Imperador d'Allemanha com a Cruz da Aguia Vermelha com espadas, foi promovido por distincção a major, e feito governador Geral de Moçambique, onde ainda conseguiu recentemente internar-se audaciosamente no paiz dos namarraes, terras submittidas ao poderio portuguez, mas até então indomitas.

Da sua chegada, a Lisboa, fallam as photographias juntas. Desembarcou do paquete na galeota do ministro da Marinha, foi abraçado por El-Rei no Arsenal e seguiu entre aclamações da multidão, ladeado pelo mais escolhido dos



A entrada no Tejo.

seus camaradas, em numerosa cavalgada, e escoltado por um esquadrão de lanceiros até sua casa, onde as manifestações se succederam por muitos dias.



Infante D. Affonso

General Queiroz

Mousinho d'Albuquerque

Conde S. Januario

General Campos

Chronica d'Inverno

Na vespera de Natal um Rôto fallou d'esta maneira a outro Rôto :
O' vida ephemera!

Esse perú que d'aqui distingo entre perús, com baçuras d'ardozia e risos d'esmaltes na armadura das pennas,

gargalhar da amante, para isso é preciso, p'lo menos, ter seis corôas... e ter lar... e ter filhos!

Vê tu, n'aquelle trem, aquelles noivos, que suppões que elles pensam d'este mundo? Na alegria? Na dôr? No *glu-glu* insolente com que hoje a cidade thuribula a

gran-miseria? Tanto... — amigo! — como no cambado das minhas botas falsas! Á portinhola do seu trem capitonado e ancho, por sobre a janellita de crystal, atreve a tua mão, fal-a descarnada e expressiva, dá-lhe um ar de malga esfomeada, e descobre-te em aphanico silencio. Para não sujar as luvas no cobre enxovalhado, o homem manda-te *ter pachorra* e a mulher dá-te um sorriso entre pelucias — porque tu tens caraça de sopão! —

É o caso, porém, que te mandei eu esmolar taes insolencias, p'ra que o episodio fizesse descahir por um momento o pensar d'esses fartos no soffrer dos sem-pão. E que lucrei com isso? Chamarem-te vadio, e mais aconchegarem ao contraste da tua miseria, a flacidez do seu bem-estar.

Mas escuta o fervilhar da multidão no formigueiro da vida; espraia-me esse olhar de glutão por sobre o amontoar

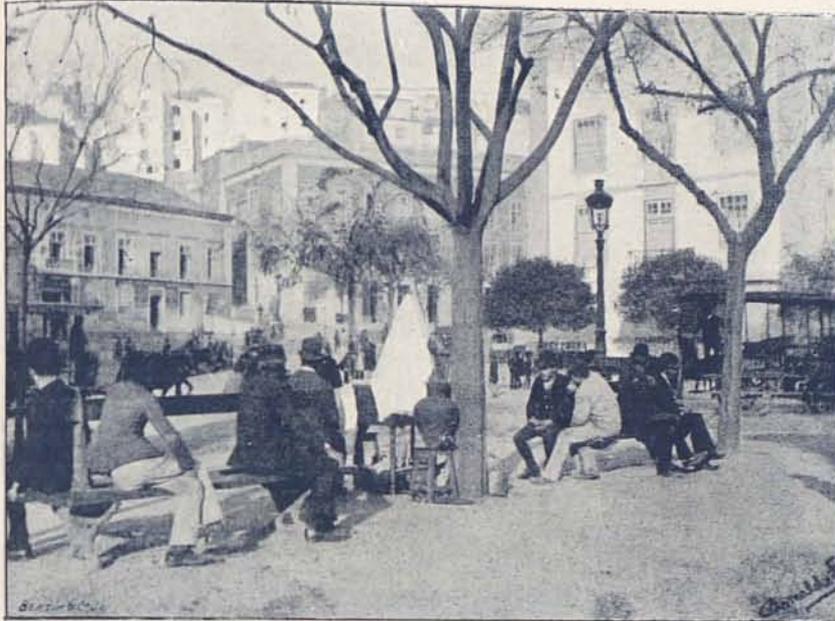
das vitalhas.... ainda ha sangue a escorrer dos holo-caustos, bafos de forno, o verdejar d'hortaliças, aromas de cosinha... E em montras, amplas como quartos, ricas como cheques, confortaveis como estojos, rebola a tua vista baça de friorento no ondular aspero das sedas, no amortecer sensual dos velludos, na tepidez voluptuosa das pelles raras, raras e tão macias, que o seu roçar é como um amplo beijo. Computa — ó miseravel! — como de tudo isso cresceria, para os teus membros ar-

todo elle se envaidece e bufa na restea de sol morno que mal tenta seccar o charco da calçada. Todo elle se envaidece, abre o leque da cauda, bombeia as azas vastas, eriça as pennas que agora pulveriza uma tenue irisação, congestionam-se-lhe os coraes, acurvêa o pescoço d'azeviche, e assim desliza como n'um resplendor de sol e entre pompas d'Oriente, meio cysne, meio aguia, essa empola d'orgulho feita ave.

Ha perto d'elle uma perúa triste. Tem olhar melancolico e fito na mesma pedra suja da valeta, a cauda descahe-lhe como um andrajo e pende-lhe a cerviz n'um desconforto immenso; e como nada lhe encubra as patas feias, á primeira passada que ella arrisca, lembra — vê tu, amigo, o disparate! — lembra o andar angustioso e acanhado... d'uma varina de botas d'elastico, a quem tivesse morrido algum filhito. Pois bem — velhote! — esse banal contraste do perú presumido e da perúa triste não se alcança por menos de seis corôas, e o perú só se o quereis por dezoito tostões, podeis leval-o.

Ó vida ephemera! Para possuir uma tal psychologia em tão famoso par e para a comer depois em plena festa, nas quenturas do lar, entre luzes alegres, coruscações de vidros e de vinhos, o chalrear dos filhos, o cheiro das frituras, o

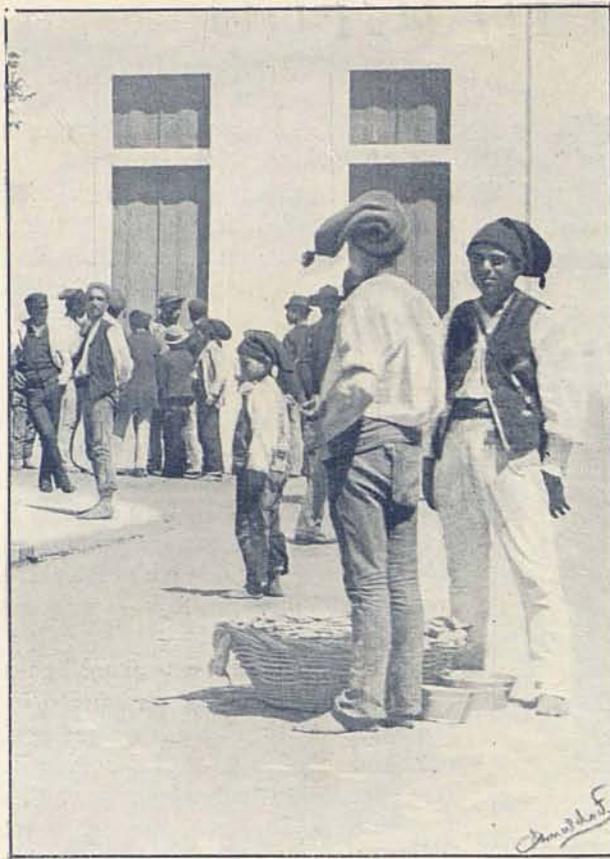
roxeados, pelludo gabinardo zibellino, e — amigo! — vae com dez réis comprar vinte castanhas áquelle teu irmão, que alli as vende bem boas e bem quentes, e com



Inverno de Lisboa. — Um canto de sol no Rocio.



Vendedores de perús.



Vendedores de pêra cosida.

ellas no bolso aquece as mãos, e com duas que engulas, leva calor ao estomago. A que te cheira agora-perro alçado! —? Já da noite, uma noite precoce, sem vespera de crepusculo, escorre uma neblina baça e penetrante.

Vá, cobre-te com esse manto, esse manto macio, esse manto lavado, que é o manto das trevas, e um rocló de chuva. Mas dize, a que te cheira? Porventura a jantar? Cerra as ventas de sofrago, como quem fecha os olhos.

No desumbramento d'essa escadaria atapetada e pelo amplo vidro que o orvalho enfusca, que vês tu? Gente que vae comer!... Nem sequer te enleva o olhar, o airoso d'essas figuritas de mulheres que sobem, não fitas com desejos os seus pés bem calçados, os seus bellos cabellos, os seus bustos de ricas amphoras a que a luz alta e violacea tira lampejos e escorrencias de vitraes! Não calculas que se d'um dos seus pulsos de magnolia rebolesse até ti a manilha mais fina que o enfeita, tu terias com que matar a fome um mez a fio e com que arrostar o frio um anno inteiro? P'ra ti-ó sordido! — essa passadeira de terciopelo é um carreiro que leva a um banquete, e por onde caminham, com um vagar que te irrita, estomagos enfeitados! E simplesmente, alarvemente achas curioso isto: que toda essa gente vá matar a fome... sem ter cara de fome!

Mas já o mastim porteiro, pela nodoa com que a tua boca de palerma mancha o vidro, deu pela tua inveja e desvendou a tua indiscreta gula. E vem, com a ponta dourada do seu bastão rico, afastar-te, como se afasta uma immundicie.

Portanto foge. E se ainda tens um resquicio de dignidade, e energia que baste p'ra uma vingança... deitalhe a lingua de fóra, com desprezo... e deixa-os lá comer... té rebentarem!

Faz frio, faz frio!

Um theatro, bem sei, halá calor! No clarão que d'elle sahe, illumina o céu baixo, e o tinge levemente de carmim, ha centos d'almas alheias da vida, confortadas, contentes, sorridentes. Vai-lhe o calor do corpo ao coração. O calor-tu percebes! —

E todo o chavascal dos dramas que forçosamente atormenta metade d'essa gente, dilue-se alli na embriaguez do descuido.

Por todas as frinchas d'esse casarão, resfolega amor e morte. Se ha no palco uma fera tragedia, ha cá fóra milhares na sordidez das almas... mas ha conchego na languidez dos corpos e ha uma alcova a espera-los com seu banho d'ar morno e a recebe-los uma cama, fôfa como uma nuvem!

Faz frio, faz frio!

Pela rua pegajosa só a sombra d'aquelle cão ousa ziguezaguear, em busca, decerto, da sombra d'algum osso. Leve como um phantasma, — vê tu — como elle arrasta o rabo fino, aponta á lama o craneo esguio; não se lhe nota interrupção no esgueirar igual... vae... vem... e o mesmo movimento d'onda lhe agita o dorso magro como uma lamina.

Olha-o que se demora na sombra d'um recanto.

Horror de sino! Uma... duas... — Tu tremes? São pingos de medo, como pingos de neve que te queimam a espinha desnudada!... Tres... Quatro... Horror de sino! E é d'aquella torre velha como uma bruxa que o som vem, rouco como um agoiro. E no recanto o cão, — vê tu — demora-se. — Não ouviste chorar uma creança? — Cinco... Seis... — Anda mais perto, amigo, finge que não tens frio — ... Sete... oito... Decidamente é meia noite já... a meia noite santa, e a esta hora — ó sem vergonha! — um enorme sonho s'evola a este céu de tinta, no hymno dos satisfeitos... que s'enfartam. Já a esta hora é morto o Perú todo, já a esta hora se come a Perúa triste. Eu começo a ter fome... tu talvez tenhas frio... Coisas, como tu comprehendes, imaginarias!... Nove... Dez... maldito sino! O que por ahi se beberá em nossa



Vendedor de castanhas.

honra! O que irá por ahi de saúdes á nossa felicidade!

Tu cães, tens somno?... Onze... Doze... Olha que é meia noite! — ó bruto! — nasceu Christo!

Levanta-te... e... anda!

ARNALDO FONSECA.

REVISTA MODERNA

SUPPLEMENTO DE MODAS



AS MODAS PARA 1898

É difficil começar e desenvolver devidamente uma chronica, seriamente documentada, da moda d'este momento, porquanto, mais do que nunca, reina, como soberana, a phantasia, o desejo de novidade sobrepujando agora qualquer outro intento. Para o mez de janeiro discute-se a grave questão dos vestidos de baile; e em vista de certas festas, já em perspectiva, os grandes costureiros se preocupam em crear combinações maravilhosas n'esse genero. O *bolero* parece mais destinado a passeio do que a ornamentação de um corpinho decotado; e, no emtanto, empregado d'este modo, constitue uma das mais recentes novidades. A *toilette* que a nossa primeira pagina representa, é assim guarnecida : o *bolero* é de velludo côr de esmeralda, bordado de palhetas de ouro e pequenas pedras de côr; o vestido é de setim verde claro, com um alto cinto em pregas, coberto de gaze da mesma côr.

O babado, formando bicos, é terminado na parte superior por uma *ruche* de gaze verde, de um tom mais forte do que o que cobre a saia, e é de renda, bordada de pedras de côr. A mesma renda rodeia o decote.

O outro vestido de baile, de damasco rôxo pallido, é muito simples, só apresentando como originalidade a fórmula do corpinho, cujo decote é contornado de velludo côr de cereja, tendo o cinto de velludo da mesma côr. A frente do corpinho e a da saia são bordadas de palhetas pretas, as quaes fazem furor, actualmente.





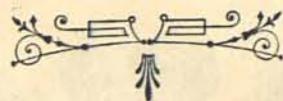
Ville VIII. 97.

O cinto é de velludo *miroir mordoré*. O chapéo é de feltro *mastic* bordado de velludo *mordoré* e guarnecido de plumas *mordorées* e de um *chou* de setim azul claro.

Na mesma pagina vê-se um bonito enfeite de corpinho. É de pelle de raposa e de uma fórmula muito elegante. O chapéo é de feltro branco guarnecido de laços de fita pretos e plumas brancas.



O dezenho nº 3 representa um vestido de fórmula princeza, muito em moda n'este momento. É azul electrico, guarnecido de *vison*; o cinto é de setim azul mais escuro que o do vestido. O chapéo, uma *toque drapée*, é de tafetá preto, enfeitado de plumas pretas e contornado de *vison*.



O vestido de passeio do dezenho nº 2 está na nota do dia : simples, pouco enfeitado e muito elegante. A saia e o corpinho em *drap mastic* são guarnecidos de uma estreita banda de zibelina pelle muito, em moda, como, allias, todas as pelles caras. O corpinho, em que se destaca um vivo de setim azul pallido, bordado sobriamente de ouro, abre sobre um peitilho de bella renda de

Veneza, applicada em setim tam-
bem azul. O





I. — Bellissimo chapéo de velludo preto, para visitas. A copa é enfeitada de gaze branca; nas abas ha uma applicação de venda tambem branca. As outras guarnições consistem em uma faivella de turqueza (imitação) e plumas pretas.



II. — Chapéo redondo, de feltro encarnado, guarnecido de fitas Pompadour (em que predominam o encarnado e o azul claro), de uma fivella de pedras imitadas e de plumas pretas.



V. — Capa para soirée, de pellucia cõr de amethysta, enfeitada de bordado dourado e pedras. A golla e de pelle de raposa.



III. — Chapéo de passeio, de feltro mastic, enfeitado de velludo verde, de plumas pretas e de um passaro branco.



IV. — Chapéo para praias de banho, de feltro azul claro, guarnecido de pennas de phantasia, rosas e laços de fitas pretas.

MATHIEU-DEROUCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistendo ao calor á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIASE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes

São-Bernardos

Dogues de Ulm

Carlindogues

Dachshund

ou

Basset



Dinamarquezes

Escuros

e Dinamarquezes

pintados

(1° premio)

Caes pastores

Wolf-Spitz

e

Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes

Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C°
Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e inglesa. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & C°

ANTUERPIA
38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o
BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1^a qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DO S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sêllos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
 da sa Guinard



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine** elixir agradável, inoffensiva. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a Par em menos de dix minutos sem nunca causar inconvenientes — da que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zona (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da *fadiga, do trabalho sobreposses* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco, Depositos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Podê-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz no *Pharmacie du Printemps*, 114, rue de Provence, Paris.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

	LIO.
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata</i> carnavalesca.	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i>	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. <i>FREDEGONDE</i> , Aria do bailado n ^o 1.	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70
— <i>Musette et binou</i>	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Paris. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO

A MAIS ALTA RECOMPENSA
 DADA AOS ADUBOS

MEMBRO DO JURY
 DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA DE PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sêde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafezeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.
 — cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.
 — canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare,
 de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA
 EM PARIZ e EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade :

30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).
15, rua des Petit-Hôtels (PARIZ).

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

Sabonete MONKEY BRAND de BROOKE'S



My friends know well my name is BROOKE, but yet on every hand.
In sportive familiarity, I'm called: "OLD MONKEY BRAND!"
And when they see me advertise, in various change of pose,
They smile as they remember that I WON'T WASH CLOTHES!

Sabonete MONKEY BRAND de BROOKE'S

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE MONKEY BRAND FABRICADO POR BROOKE'S

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

MAPLE & C^{IA}

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

Com o capital de dois milhões e quinhentas mil libras

Executa-se com a maxima promptidão todas as ordens recebidas

TOTTENHAM COURT ROAD
Londres

CASA FILIAL EM PARIS, RUE BOUDREAU



Poltrona modelo SHAPTESBURY rica e confortavel em marroquim, para bibliothecas, Clubs, e salas de jantar.

MAPLE & C^{IA}

A CASA FILIAL DE PARIS

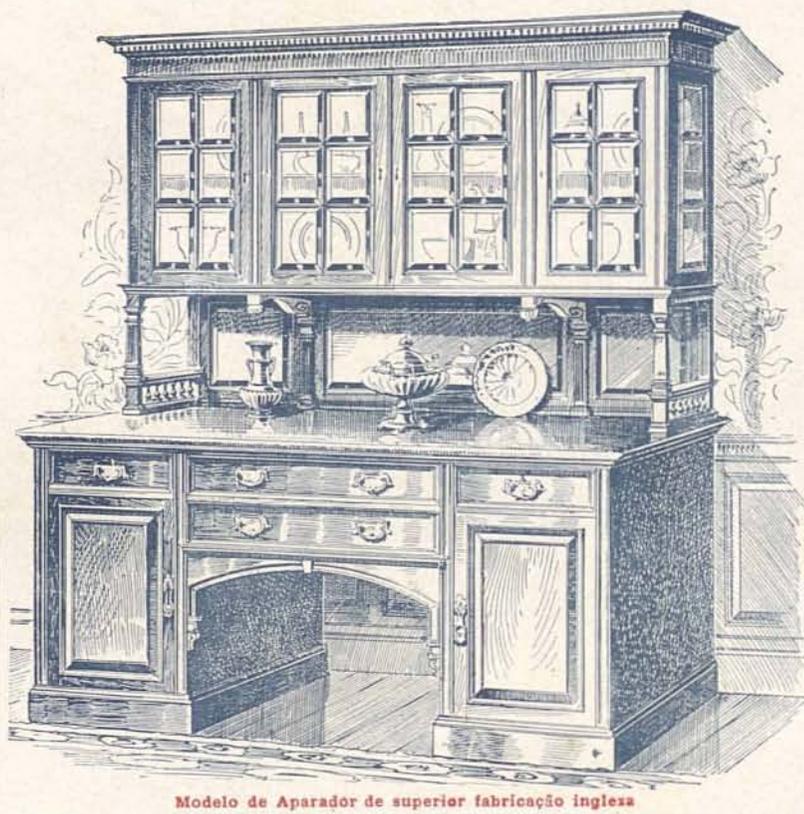
Acha-se situada na rua Boudreau

Perto da Opera, no centro de Paris

Exposição permanente de grande quantidade de moveis inglezes, todos de primeira ordem e fabricados por

MAPLE & C^{IA}

O gerente e pessoal da casa de Paris, terão o maior prazer em fazer visitar esta exposição, dando aos interessados todas as informações necessarias quanto á compra e expedição dos moveis que se acham em deposito.



Modelo de Aparador de superior fabricação inglesa

MAPLE & C^{IA}

Rua Boudreau

PARIS

EXPOSIÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM

Mobilias inglezas
Aparadores
Estantes
Quartos de dormir
Gabinetes de Trabalho
Mesas diversas
Poltronas
Sophas
Camas — Cortinas
Tapetes

PRIMEIRA QUALIDADE
Preços reduzidos

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo PANSHANGER rica e confortavel, em marroquim, para salas de jantar, bibliothecas e Clubs.

MAPLE & C^{IA}

Paris

Poltronas

Cadeiras

de

Escriptorio

Conversadeiras

Chaises-longues

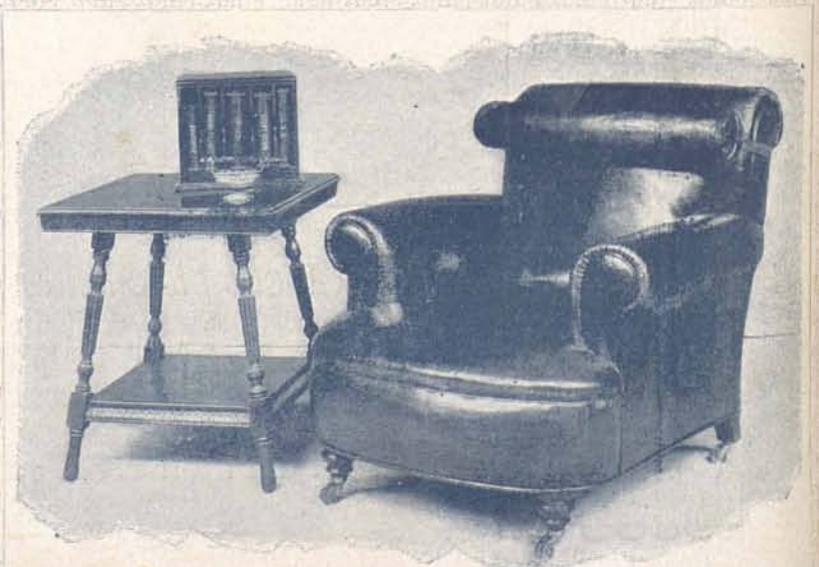
celebres

em

todo o Mundo

MAPLE & C^{IA}

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo WELLESLEY commoda, superior e confortavel, propria para salas de jantar, bibliothecas e clubs.